

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

NAYARA FERNANDA SANTOS DE SENA

PRETAS EM TODO LUGAR:

Os efeitos do Feminismo Negro na reconstrução da
identidade afro diaspórica de mulheres negras amefricanas.

Recife
2022

NAYARA FERNANDA SANTOS DE SENA

PRETAS EM TODO LUGAR:

Os efeitos do Feminismo Negro na reconstrução da identidade afro
diaspórica de mulheres negras americanas.

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em
Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de
Pernambuco como requisito para a obtenção do título de
Bacharel em Ciências Sociais, sob a orientação da Prof.
Rosa Maria de Aquino.

Recife
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S474p

Sena, Nayara Fernanda Santos de Sena

PRETAS EM TODO LUGAR: Os efeitos do Feminismo Negro na reconstrução da identidade afro diaspórica de mulheres negras americanas. / Nayara Fernanda Santos de Sena Sena. - 2020.
45 f.

Orientadora: Rosa Maria de Aquino.
Inclui referências e anexo(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Bacharelado em Ciências Sociais, Recife, 2023.

1. Feminismo negro. 2. Identidade. 3. Raça. 4. Território. I. Aquino, Rosa Maria de, orient. II. Título

CDD 300

PRETAS EM TODO LUGAR:

Os efeitos do Feminismo na reconstrução da identidade afro
diaspórica de mulheres negras amefricanas.

Monografia aprovada em 11/10/2022, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, por todos os membros da Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Rosa Maria de Aquino, Orientadora. Nota _____

Prof.^a Dra. Maria Auxiliadora Gonçalves da Silva. Nota _____

Prof.^a Dra. Maria Grazia Cribari Cardoso. Nota _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas aquelas mulheres negras que fizeram parte da minha trajetória, na minha vida pessoal, familiar e acadêmica.

A minha avó, Maria de Lourdes, por me passar um senso de vida de responsabilidade e sabedoria, e por me ensinar a levar leveza e sorriso por onde passar, mas a nunca abaixar a cabeça.

A minha mãe e irmã, pelo vínculo de afeto eterno e por serem minha referência do que é o amor e a liberdade.

A Tamires Gonçalo, por compartilhar este momento de escrita comigo, pelas melhores conversas sobre a vida e a universidade, por compartilhar as dores e as delícias de ocupar espaços e querer ser protagonistas de suas próprias vidas.

Daniella Silva, por ser um aconchego e referência num espaço inicialmente diferente, pelas ajudas e motivações, por compartilhar seu conhecimento, pelos deboches juntas para aliviar o peso das responsabilidades.

A Geovana Dara, por seu querer verdadeiro em participar desta pesquisa e pela sua sinceridade em compartilhar suas experiências.

A Vera Rodrigues, por ser uma fonte inesgotável de inspiração, experiência, dedicação e inteligência, por possibilitar aquelas que têm contato com você, o acolhimento e a sabedoria ancestral.

A Laiz Muniz, pelo seu sensível e potente relato, por falar sobre si de modo tão aberto e verdadeiro; sua sensibilidade e carinho transparecem nas experiências compartilhadas.

Camila Rodrigues, pela sua vontade em ajudar e fazer-se presente nesta pesquisa.

Ao Cinema Nosso, por me permitir visualizar, que o audiovisual e as mulheres negras podem aquilombar-se para transformar suas realidades e inspirar.

Ao Ashanti Peru, por ser esta potência de ideias e conhecimento e por tecer redes de sabedoria para afrodescendentes de toda América Latina.

As Mulheres Negras Resistem CE, por escolherem com tanta assertividade aquelas que compõem o projeto e por permitirem que nossas falas sejam compartilhadas e ouvidas, mas ainda, que possamos ser pontes umas para as outras.

Aos que me guiam e aos meus caminhos.

Salve
Guerreiras e guerreiros
Escolas libertárias e terreiros
Amores de todos os tipos
Verdades de todas as cores
Salve, salve nossos ancestrais de espíritos protetores
Coragem, atenção, irmã, irmão
Fé no coração, sempre siga em frente
Respiração profunda oxigena corpo e mente
Esperança renasça como a fênix
Resistência, resistência
Força, sabedoria, inteligência, coletividade
Serenidade em tempos de tempestade
Liberdade sempre
Salve
(BaianaSystem)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo demonstrar como o feminismo negro, contribui na reconstrução identitária de mulheres negras latino americanas, por meio de práticas decoloniais feministas, e quais foram os efeitos coletivos e individuais nesta reconstrução, através da identificação das formas de resistência individuais e coletivas através da participação dos coletivos Ashanti Peru (Peru); Mulheres Negras Resistem (CE) e Cinema Nosso (RJ). Os métodos de pesquisa utilizados foram quantitativos e qualitativos, de caráter etnográfico e exploratório; unindo narrativas e experiências às teorias que perpassam as temáticas de raça, classe, gênero, feminismo negro, interseccionalidade e território decolonial. Os resultados obtidos demonstram como o feminismo negro enquanto agente social coletivo e individual, contribui para a reconstrução da identidade das mulheres negras, de modo a considerar, suas vivências enquanto mulheres racializadas em territórios latino americanos; e através da participação nos coletivos, enquanto articulações políticas e culturais que incidem sobre a retomada identitária de mulheres negras, que impactam seus territórios, agindo coletivamente de modo prático e efetivo.

Palavras-chave: Feminismo negro; identidade; raça; território.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo demostrar cómo el feminismo negro contribuye a la reconstrucción identitaria de las mujeres afroamericanas negras ladinas, a través de prácticas feministas decoloniales, y cuáles fueron los efectos colectivos e individuales en esta reconstrucción, a través de la identificación de formas de resistencia individuales y colectivas a través de la participación de los colectivos Ashanti Perú (Perú); Mulheres Negras Resistem (CE) y Cinema Nosso (RJ). Los métodos de investigación utilizados fueron cuantitativos y cualitativos, netnográficos y exploratorios; uniendo narrativas y experiencias con teorías que permean los temas de raza, clase, género, feminismo negro, interseccionalidad y territorio decolonial. Los resultados obtenidos demuestran cómo el feminismo negro, como agente social colectivo e individual, contribuye a la reconstrucción de la identidad de las mujeres negras, a fin de considerar sus experiencias como mujeres racializadas en los territorios latinoamericanos; ya través de la participación en colectivos, como articulaciones políticas y culturales que se enfocan en la recuperación identitaria de las mujeres negras, que impactan sus territorios, actuando colectivamente de manera práctica y efectiva.

Palabras-clave: Feminismo negro; identidad; raza; territorio.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. APONTAMENTOS METODOLÓGICOS	12
2. O FEMINISMO NEGRO E A AMEFRICANIDADE	17
2.1 Gênero e Classe	19
2.2 Raça e Interseccionalidade	20
3. VIVÊNCIA RACIAL E FEMINISTA	23
3.1 O reconhecimento racial	24
3.2 Feminismo e negritude	27
4. AS RECONSTRUÇÕES E AS PRÁTICAS DECOLONIAIS	32
4.1 A reconstrução coletiva e individual	32
4.2 As práticas decoloniais	36
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41
ANEXOS	44

INTRODUÇÃO

A colonização e o eurocentrismo, destinaram aos corpos racializados o lugar de subalternidade e marginalização, e de modo particular na América Ladina, território que foi colocado geograficamente como um local de desvantagem social; possui até os dias atuais uma reverberação da colonização, que segue impondo um modelo de vida que vai contra a identidade e tradição dos povos originários e tradicionais, assim, seguir a procura de referências externas de identidade e localização é uma prática que tornou-se comum entre mulheres afrodescendentes oriundas destes territórios.

A vivência das mulheres em qualquer parte do mundo exige constantes tentativas de ruptura com o patriarcado e padrões pré-estabelecidos, e esta pesquisa viabiliza a identificação dos efeitos causados pelo Feminismo Negro a partir dos campos sociais e identitários. Ser mulher, negra e ladina, é estar constantemente sendo afetada por estas três dimensões: social, racial e geográfica. Deste modo, as mulheres negras durante toda a sua existência são convencidas a considerar os marcadores sociais, de classe, territoriais e raciais de forma negativa e a não associar estas distinções às mazelas sociais, do racismo, machismo, classismo e da xenofobia.

Uma dinâmica coletiva adoecida que as impactam em todos os sentidos, traz a necessidade de criar estratégias para enfrentar essa realidade. E neste processo, as mulheres negras e ladinas foram se fortalecendo a partir do movimento feminista, através de fundamentos teóricos e da ação coletiva, na direção das transformações das dores em práticas afro centradas e decoloniais, para a reconstrução identitária destas mulheres. Assim, há a criação de resistências individuais e coletivas usadas por estas mulheres para trilhar novos caminhos e perspectivas acerca de suas identidades.

A observação acerca de como os movimentos: feminista, negro e decolonial nos países do sul global, convergem numa luta que inclui os três movimentos, de modo a combater as opressões que atingem as mulheres negras a nível de gênero, raça e território; dá embasamento teórico e prático a luta de diversas mulheres e possibilita que essas sejam agentes de reflexão e mudança de suas realidades. Em decorrência disso, esta pesquisa traz algumas reflexões teóricas e práticas acerca da importância do feminismo negro latino americano e de como este age através de coletivos sociais.

Quais são os efeitos e contribuições coletivas e individuais do feminismo negro, na reconstrução identitária das mulheres negras amefricanas, caracteriza o problema desta pesquisa, voltado para a avaliação de ações através de seus efeitos. Quanto à temporalidade, todas as participantes estiveram nos coletivos entre 2018 e 2022; por isso, a pesquisa tem caráter predominantemente qualitativo, usando além de levantamento bibliográfico, entrevistas com mulheres negras em territórios da América Ladina, da análise teórica e do método netnográfico. Considerando como resposta ao questionamento, a seguinte hipótese: O feminismo negro, contribui na reconstrução identitária de mulheres negras ladino-amefricanas, por meio de práticas feministas.

Acerca das experiências individuais das mulheres amefricanas e ladinas, sobre a influência do Feminismo negro, considero suas particularidades, mas também as experiências em comum, ou seja, refleti sobre os relatos mais pessoais de cada mulher, que repercutiram em suas vidas. Também foi observado, experiências que se repetem e afetam mais de uma, que são comuns à maioria. Isso oportunizou identificar os impactos mais subjetivos e que no cotidiano destas mulheres tornam-se comuns e se interseccionam.

Sobre as experiências coletivas, estas possibilitaram a identificação de como o Feminismo negro impactou a vida das mulheres em âmbito social e grupal, dando uma perspectiva da influência horizontal: político-social e cultural; e a repercussão e impacto da atuação de coletivos feministas negros, sendo estes coletivos: o Ashanti Peru (Peru), o Mulheres Negras Resistem (Ceará) e o Cinema Nosso (Rio de Janeiro).

Os três coletivos escolhidos para a pesquisa, possuem suas particularidades de atuação, mas todos se propõem a disseminar e construir conhecimento afro centrado voltado para afro latinas amefricanas e com pautas que perpassam o feminismo negro. Também se nota o objetivo de impulsionar as mulheres a aplicar em suas comunidades e locais de convívio social, os conhecimentos apreendidos, para que estes impactem positivamente mais locais e cheguem para outras pessoas; construindo um sistema de rede de incidência.

Através destes coletivos, as 6 mulheres participantes da pesquisa e pertencentes aos coletivos, receberam formação política, social e cultural e vivenciaram de forma teórica e prática, sobre temas feministas e que dizem respeito à população negra, que repercutiram em suas vidas, de modo subjetivo enquanto subsídio para construção e/ou fortalecimento de suas subjetividades e também enquanto coletivo, questão que foi importante para identificar as repercussões e como o feminismo negro vem criando raízes e fortalecendo estas mulheres.

Esta pesquisa, é importante para contribuir com o campo de estudos do feminismo negro ladino amefricano, mas para além da academia, servir como uma demonstração simbólica e prática, das ações e reflexões cotidianas na vida de mulheres negras nestes territórios, e demonstrar como essas reconstruções identitárias dá a possibilidade destas mulheres se reconhecerem umas nas outras e criarem uma nova concepção de classe, raça, gênero e territorialidade.

Ou seja, construir nas suas vidas privadas um bom relacionamento consigo, com suas vivências e origens, assim como contribuir coletivamente através de movimentos e coletivos sociais feministas, para que outras mulheres também desconstruam seus processos de violências e reconstruam suas identidades de modo feminista e afro centrado.

Considerando que o objetivo geral é: Resgatar as contribuições do feminismo negro, na reconstrução identitária de mulheres negras ladino-amefricanas, através do mapeamento das formas de resistência e percepções das suas vivências individuais e através dos coletivos feministas negros: Ashanti Peru (Peru); Mulheres Negras Resistem CE (Ceará) e Coletivo Nosso (Rio de Janeiro).

E os objetivos específicos são: Mapear as contribuições coletivas e individuais do Feminismo Negro, na reconstrução identitária das mulheres negras amefricanas; identificar as contribuições

de práticas decoloniais presentes no Feminismo Negro, no processo de reconstrução identitária das mulheres negras amefricanas e demonstrar a importância social e o impacto de lutas coletivas através do feminismo negro.

É investigado através de estudo de caso de mulheres negras amefricanas, ou seja, da América Latina, os efeitos do feminismo negro a nível individual e coletivo, sendo assim, no que diz respeito a subjetividade destes efeitos, mas também como ele atua através de coletivos e movimentos sociais, que constroem junto a essas mulheres novas perspectivas de resistência e de fortalecimento de suas identidades, através da negritude e do feminismo negro.

A estrutura desta monografia, inicia após esta introdução com o capítulo metodológico, explicando como a pesquisa foi realizada e de que modo ela foi pensada e executada, seu caráter quantitativo e qualitativo, com objetivo de situar o leitor sobre os métodos etnográfico e antropológico usados; como as entrevistas foram realizadas e o diálogo destas com as bibliografias e teorias bases.

Assim, após a metodologia, segue o terceiro capítulo intitulado: O feminismo negro e a amefricanidade, no qual perpasso sobre as principais teorias acerca das categorias de raça, gênero e classe, debatendo como estas categorias são percebidas socialmente e como elas impactam a vivência das mulheres negras amefricanas, ou seja, as participantes da pesquisa; trazendo autoras referências para a construção dos debates, como: Bell Hooks, Patricia Hill Collins e Lélia Gonzalez. Ainda neste capítulo, pontuo sobre a construção social do feminismo negro e como este impacta a vida de mulheres negras, através da interseccionalidade, teoria criada por Kimberlé W. Crenshaw; assim como a conceituação criada por Lélia Gonzalez de: amefricanas e América Latina, essencial para localizar e referir-se as participantes desta pesquisa.

O quarto capítulo: Vivência racial e feminista; é um capítulo de análise e inicia com as discussões de questões raciais, acerca do impacto do racismo e do sexismo sobre as participantes, mulheres negras amefricanas, destacando os resultados obtidos acerca da aceitação racial destas e detalhando quais processos as auxiliaram. Em seguida, neste capítulo, são explanados os resultados de como o feminismo, enquanto teoria e prática, auxiliou de modo subjetivo (individual) e dentro dos coletivos, de modo que alterou positivamente na realidade das participantes e de seus respectivos coletivos.

O quinto capítulo, denominado As reconstruções e as práticas decoloniais, é a continuação da análise dos resultados, através da reflexão de como as identidades são construídas e reforçadas pela sociedade, considerando o território latino-americano afetado das participantes e coletivos, territórios estes afetados pela colonização; são então explanados os resultados da reconstrução identitária voltadas para a negritude através do fortalecimento nos coletivos e aproximações sociais e raciais de vivências, detalhando essas maneiras de reconstrução através dos relatos das participantes.

O sexto capítulo, são as considerações finais, no qual há uma retomada das explicações teóricas, da aplicação dos métodos, das análises e dos resultados obtidos, além da obtenção das hipóteses e dos objetivos esperados, como também, apontamentos para melhorias posteriores.

1. APONTAMENTOS METODOLÓGICOS

Considerando a metodologia como a base para o bom desenvolvimento de qualquer pesquisa, seja qual for a área, escolhi iniciar a monografia com as informações as quais considero essenciais para o melhor entendimento da pesquisa, sendo assim, inicio com a metodologia. Acerca dos métodos de pesquisa, quantitativos e qualitativos, pode-se caracterizar esta pesquisa como de caráter exploratório e explicativa; exploratória tendo em vista que foi realizado um levantamento bibliográfico, entrevistas, citação de referências e análise de exemplos práticos; e explicativa pois considerei, como sinaliza Carlos Gil (2022, p. 42) “como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos,¹”ou seja, identifiquei os efeitos individuais e coletivos do feminismo negro na construção da identidade cultural de mulheres negras em territórios da América Latina.

A coleta de dados foi realizada através de: pesquisa bibliográfica, com um levantamento de autores, artigos científicos e livros que dialogam com o tema pesquisado e de temáticas correlatas. As pesquisas bibliográficas e teóricas são analisadas junto às vivências das mulheres que participaram da pesquisa.

São apreendidos e analisados as causas e efeitos do estudo de caso de cada mulher, e das aproximações e afastamentos destas causas e efeitos coletivos e individuais, não para comparações, mas para entendimento e suporte à hipótese testada no desenvolvimento do projeto. Os dados foram coletados através de aplicação de entrevistas semiestruturadas, para fazer um levantamento do conhecimento direto da realidade das mulheres negras em suas vivências pessoais e nos seus respectivos coletivos.

Considerando que o período de realização de pesquisa, dentre janeiro a setembro de 2022, a esta se realizou num contexto de pandemia mundial, em detrimento de doenças virais no Brasil e no mundo, e devido a algumas mulheres serem de outro país; as entrevistas, em sua maioria, foram feitas de modo remoto, mas seguindo o rigor científico dos métodos de pesquisa etnográfico. As entrevistas foram gravadas, com consentimento das entrevistadas e salvaguardadas através de um termo de consentimento de áudio e publicação, seguindo a ética antropológica.

A pesquisa foi pensada e desenvolvida através dos conhecimentos e base antropológica e seguindo este parâmetro de pesquisa, o mais indicado seria o uso da Etnografia e da Observação participantes, métodos os quais a antropologia se vale para ir a campo, observar, documentar e analisar seus estudos presencialmente, porém como isso não foi possível, pois além das restrições devido a pandemia, as sedes dos coletivos estudados são de outros estados (Rio de Janeiro (BR) e Ceará (BR)), e país (Peru) e cinco das seis participantes também residem em outros Estados fora de Pernambuco (BR).

Recentemente a antropologia e estudiosos vem usando a etnografia, para conseguir desenvolver suas pesquisas, e foi esta metodologia a qual utilizei, pois possibilita o desenvolvimento do método antropológico através de uma aplicação online/digital, tendo em vista que:

¹ GIL, 1946, p. 42.

Aos meus olhos a Netnografia pode ser vista como uma tecnologia da Etnografia. Ela é utilizada para análise e pesquisa dentro do mundo virtual da Internet, sem deslocamento de campo, sem observação através do olhar. A observação se restringe ao acesso pelo computador no mundo virtual da Internet, em uma determinada comunidade ou em um determinado grupo. (TAFARELO, 2013, Pág. 4).

Foi necessário, entretanto, para manter o rigor metodológico, e mesmo com as limitações impostas pelo método virtual, atentar-se para as seguintes questões, que justas, mantêm a compilação do bom desenvolvimento antropológico: uma boa reflexão, mesmo que não densa, mas o mais aprofundada possível; atentar-se aos gestos e comportamentos, que constroem os significantes teóricos; valer-se do não deslocamento, para deixar as participantes mais confortáveis por estarem em suas moradias, e sentirem-se mais a vontade para comunicar o que fosse necessário, sem tanta delimitação de tempo para finalizar o contato, e a tentativa de criar o máximo de vínculo possível, apesar do espaço-tempo reduzido.

Com isso, a aplicação da metodologia online, feita de modo coerente, adapta-se a nova realidade social e científica ocasionada por este momento de isolamento social, que ainda não permite a livre circulação, e é algo que deve ser seguido, para não me colocar em risco e as mulheres estudadas.

Assim, a adaptação de passar a etnografia do mundo offline para o online, também possibilita o contato com pessoas de outros territórios e facilita a execução de pesquisas científicas, como é o caso desta pesquisa, que usou o método netnográfico; pois como explana os autores abaixo, o que vai interessar mais numa etnografia, seja ela online ou offline, é o rigor metodológico adaptado a realidade presente e não exatamente estar fisicamente no campo de pesquisa:

(...) o ciberespaço significa simplesmente observar o espaço físico imediato em frente à tela do usuário, como se a etnografia equivalesse simplesmente à fisicalidade. Isso é obviamente fácil demais: estar off-line não significa automaticamente que se está fazendo uma etnografia, nem estar on-line significa que não se está fazendo uma etnografia. (MILLER, 2004, Pág. 63).

As entrevistas semiestruturadas foram desenvolvidas levando em consideração a bibliografia de acordo com os temas centrais da pesquisa, e os objetivos e hipótese; pois foi também, através da análise das entrevistas que a hipótese foi testada e verificada, e explanada no desenvolvimento da pesquisa. A análise de dados qualitativa, ou análise de conteúdo e do discurso, apreendidos com a bibliografia e com as entrevistas, foi utilizada para a compreensão de fenômenos sociais identificados na pesquisa, e a análise quantitativa, através de amostras, foi aplicada uma análise voltada para as aproximações dos efeitos entre as participantes, ou seja, uma análise mais coletiva, e que predomina no grupo de mulheres entrevistadas.

As análises quantitativas e qualitativas são complementares a metodologia da pesquisa, e evitaram as generalizações, se a análise fosse feita apenas por um dos métodos, talvez não obtivesse o resultado esperado:

A integração da pesquisa quantitativa e qualitativa permite que o pesquisador faça um cruzamento de suas conclusões de modo a ter maior confiança que seus dados não são produto de um procedimento específico ou de alguma situação particular. Ele não se limita ao que pode ser coletado em uma entrevista: pode entrevistar repetidamente, pode aplicar questionários, pode investigar diferentes questões em diferentes ocasiões, pode utilizar fontes documentais e dados estatísticos. (GOLDENBERG, 2004. Pág. 62).

Foram realizadas seis entrevistas, sendo uma de forma presencial e as outras cinco de modo remoto, considerando que as mulheres são de regiões distintas do Brasil; as entrevistas foram desenvolvidas de forma semiestruturada, ou seja, com perguntas direcionadas, porém mais abertas para melhor desenvolvimento das respostas, dando as entrevistadas a disponibilidade se expressarem e desenvolver bem suas respostas; sendo estas posteriormente transcritas e analisadas.

A pesquisa possui abordagem quantitativa e qualitativa, de natureza básica e objetivos de caráter exploratório, através dos procedimentos bibliográfico e etnográfico. Acerca do método exploratório, desenvolvi a hipótese, que é: O feminismo negro, contribui na reconstrução identitária de mulheres negras latino-americanas, por meio de práticas decoloniais feministas, testada através de variáveis, que são: os efeitos individuais e coletivos do feminismo negro na reconstrução identitária das mulheres negras, geradas através das amostras de seis participantes e entrevistadas convidadas a participar, sendo destas, duas do Ashanti Peru, duas do Cinema Nosso e duas do Mulheres Negras Resistem.

A organização Ashanti Peru², é uma rede peruana de jovens afrodescendentes, criada em 2004, sem fins lucrativos, com foco na participação, liderança e identidade, em defesa dos direitos humanos e da participação política intercultural; e possui diversas ações não só no Peru, mas em toda América Latina.

Dispõe de uma Escola de Formação de Jovens Líderes Afrodescendentes, que já contou com a participação de mais de 600 jovens, de 80 organizações internacionais e de 320 locais diferentes, e consiste num trabalho de formação afro centrada destes líderes para incidir em suas comunidades de acordo com seus interesses. Camila Rodrigues e Daniella Silva, são as mulheres que participaram desta pesquisa, integrantes e líderes do Ashanti e possuem uma trajetória no feminismo negro, enquanto prática diária pessoal, mas também enquanto luta política e social.

O projeto, Mulheres Negras Resistem³, do Ceará (Brasil), deu-se a partir da construção do Processo formativo teórico-político de/para e com Mulheres Negras, iniciativa motivada pela morte de Marielle Franco em 2018, e que está na 5ª edição em 2022; com direcionamento apenas para mulheres negras da América Latina, com viés teórico-político através de teorias feministas negras integrando a luta política com rigor teórico metodológico. Vera Rodrigues, uma das líderes e idealizadora do projeto, e a participante Geovana Dara, participaram do projeto e contribuíram com a pesquisa, estão em processo formativo e possuem trajetórias em diferentes áreas de atuação

² ASHANTI PERÚ. Disponível em: <https://ashantiperu.org/>. Acesso em: 03 de set. de 2022.

³ RODRIGUES, Vera, et al., Mulheres Negras Resistem: território, raça/cor e gênero. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 77p. Disponível: <https://pedrojoaoeditores.com.br/site/mulheres-negras-resistem-territorio-raca-cor-e-genero/>. Acesso em: 03 de set. de 2022.

no Brasil que têm o feminismo negro como norteador de suas ações e identidade individuais e coletivas.

O coletivo Cinema Nosso⁴, é uma organização sem fins lucrativos, com sede no Rio de Janeiro (Brasil), com foco no audiovisual, inovação e impacto social, surgiu após o filme “Cidade de Deus” (2002), no qual parte da equipe que integrava o filme, ansiava em continuar produzindo cinema. Desde então, desenvolve projetos e atividades para promover e democratizar o audiovisual para populações periféricas, voltados para crianças e jovens, com foco em gênero e raça, e em formações de audiovisual e novas tecnologias. E as participantes Laiz Muniz e Tamires Gonçalo, fazem parte da trajetória do Cinema Nosso, Laiz como parte da equipe e Tamires como estudante.

Acerca ainda dos coletivos, diante do isolamento social devido a pandemia mundial desde 2020, suas metodologias foram feitas de forma online e remota, através de plataformas de vídeo conferências para as reuniões que aconteciam quinzenalmente para a Escuela Afro (Ashanti Peru) e para o Mulheres Negras Resistem, e semanalmente para o Cinema Nosso; além das vídeo conferências para as reuniões online, disponibilização de materiais de apoio em plataformas como o Google Drive e Google Sala de Aula; além de acompanhar os relatos das participantes, também pude integrar os coletivos e foi através deste contato que pude observar as vivências destas mulheres e convidá-las para a pesquisa.

As amostras das participantes, dão o embasamento quantitativo, mas não foi usado como estatística ou para comparações, tendo em vista que este não é o foco da pesquisa, e os resultados foram feitos através da análise das entrevistas juntamente com o aporte teórico e bibliográfico.

A seleção de participantes para a amostra, seguiu os seguintes critérios: ser mulher, negra, latino-americana e que participasse anteriormente ou no momento da pesquisa, de um dos coletivos escolhidos para participar da pesquisa. Para sintetizar, as participantes são: Laiz Muniz e Tamires Gonçalo, participantes do Cinema Nosso; Daniella Silva e Camila Rodrigues, integrantes do Ashanti Peru; e Geovana Dara e Vera Rodrigues, do Mulheres Negras Resistem CE.

Considero as entrevistas o aporte metodológico, mas também a ligação entre as mulheres, suas histórias e as teorias, ou seja, a vivência da pesquisa, o que nos possibilita para além de identificar e analisar; dá a pesquisa a aproximação e ligação das histórias vivenciadas pelas participantes e o leitor/a.

Idealmente, as entrevistas seriam realizadas com em média nove mulheres, entretanto, nem todas tiveram a disponibilidade necessária para participação na pesquisa, reduzindo o quantitativo para seis entrevistas. Sendo duas para cada coletivo, as quais, considero a quantidade suficiente para o andamento da pesquisa, tendo em vista, que o conteúdo disponibilizado por estas seis participantes foram extensos, úteis, e atenderam aos objetivos e hipótese da pesquisa.

⁴ CINEMA NOSSO. Disponível em: <https://cinemanosso.org.br/>. Acesso em: 03 de set. de 2022.

A estrutura do roteiro de entrevista,⁵ é dividida em quatro blocos, sendo eles: Raça, Feminismo, Movimentos Sociais e Território, cada qual com perguntas que dialogam com os objetivos da pesquisa. Acerca do tema raça, as perguntas foram desenvolvidas com objetivo de detectar a vivência das mulheres acerca do racismo no Brasil e o como este afeta suas vidas, e como se deram os processos de reconhecimento racial; dando a possibilidade de entender o recorte racial e suas vivências enquanto mulheres negras e brasileiras em contexto latino americano.

No bloco feminismo, dou ênfase ao reconhecimento enquanto feminista, como conheceram o feminismo e como este contribuiu para a identidade delas; esta linha de pensamento e suas respostas possibilitou delinear qual o processo de conhecimento, de inserção e de reconhecimento do Feminismo como agente de contribuição identitária.

E no bloco dos movimentos sociais, o foco é resgatar a participação e importância da participação nos coletivos para fortalecimento identitário e territorial; sobre o tema território, o enfoque é no recorte territorial brasileiro e latino americano das mulheres, e como este influencia e dialoga com os temas raciais, de gênero e dos coletivos.

Sendo assim, foi preferido iniciar com a apresentação da metodologia, para a seguir desenvolver os temas da entrevista juntamente com as teorias que sustentam a base teórico-metodológica da pesquisa, demonstrando a interrelação entre os temas, as teorias e os seus resultados, que serão apresentados ao longo do texto seguindo a discussão teórica e os temas de entrevista; tenho e vista, que considero a metodologia a base motivacional e simbólica da qual a pesquisa foi apresentada, e considerando que ao entender os métodos há uma facilitação do entendimento das análises e conclusões a seguir.

⁵ Roteiros de entrevistas disponíveis nos Anexos.

2. O FEMINISMO NEGRO E A AMEFRICANIDADE

O Feminismo surgiu através de reivindicações muito pautadas na realidade de mulheres brancas e de classe média, que contestavam as dificuldades sofridas por elas como: o direito ao voto, a trabalhar, a vestir-se e comportar-se como queriam, entre outras questões. Como representante destas reivindicações das mulheres, o feminismo é identificado como o porta-voz de algumas delas, entretanto, ele inicialmente não contemplava todas as mulheres e as suas subjetividades.

Subjetividades de classe, raça e sexualidade, que passaram despercebidas e não eram atribuídas às lutas feministas, ou seja, muitas mulheres não se sentiam pertencentes ao feminismo e de fato não o eram; pois o movimento feminista estava muito assentado no sexismo, como aponta Bell Hooks (1984, p. 37): “El sexismo como sistema de dominación está institucionalizado, pero nunca há determinado de forma absoluta el destino de todas las mujeres de esta sociedad.”

O que Bell Hooks chama de “opressão comum⁶”, é exatamente este foco de muitas feministas, apenas na opressão de gênero que desvaloriza as lutas das mulheres racializadas e periféricas; esta opressão comum, gera um conforto em ser feminista para aquelas que estão assentadas em privilégios de raça, classe e sexualidade, e não percebem as dificuldades de outras mulheres que as rodeiam⁷. Além da consciência de classe e gênero, as mulheres negras atentam para suas opressões de raça ligeiramente, a partir de suas vivências, tendo em vista que boa parte das pessoas em situação de vulnerabilidade, são mulheres negras: as mulheres negras enquanto grupo/categoria social, estão em circunstância de opressão de raça, classe e gênero.

A invisibilidade das mulheres negras e de suas ideais - não apenas nos Estados Unidos, mas na África, no Caribe, na América do Sul, na Europa e em outros lugares onde vivem mulheres negras - tem sido decisiva para a manutenção de desigualdades sociais (COLLINS, 2019, p. 32), e essa não visibilidade reforça as opressões que mantém a desigualdade; considerando opressão, segundo Patricia Hill Collins (2019, p. 33), como: (...)um termo que descreve qualquer situação injusta em que, sistematicamente e por um longo período de tempo, um grupo nega a outro grupo o acesso a recursos da sociedade.

A mulher negra, socialmente e simbolicamente, vem sendo negado ao longo da história no Brasil e nos países da América Latina, o reconhecimento das opressões indissociáveis de raça, classe e gênero, sofridas por elas e que por muito tempo, o feminismo majoritariamente branco ignorou:

“Ironicamente, os feminismos ocidentais também suprimiram as ideias das mulheres negras. Embora as intelectuais negras há muito expressam uma sensibilidade feminista distinta, de influência africana, sobre a intersecção de raça e classe na estruturação do gênero, historicamente nós não temos sido participantes das organizações feministas criadas por brancas. O resultado é que as mulheres afro-americanas, latino-americanas, indígenas e asiáticas-americanas têm acusado os feminismos ocidentais de racismo e preocupação

⁶ HOOKS, 1984, p. 38.

⁷ Muchas mujeres blancas han encontrado en el movimiento feminista una solución libertadora a sus dilemas personales. Tras haberse beneficiado del movimiento de forma directa, se sienten menos inclinadas a criticarlo o a comprometerse con un examen riguroso de su estructura que aquellas que sienten que no ha tenido un impacto revolucionario en sus vidas o en las vidas de gran cantidad de mujeres de nuestra sociedad. (HOOKS, 1984, p. 42).

excessiva com questões relacionadas às mulheres brancas de classe média.”
(COLLINS, 2019, p. 36)

Com a colonização e a transformação dos territórios colonizados em “Américas”, há uma associação do termo “América” de uma branquitude europeia e uma inexistência de latinidade, e também, a negação de uma influência cultural africana; considerando isto, Lélia Gonzalez, antropóloga brasileira, cunhou o termo “América Ladina”, referindo-se a latinidade africana, ou seja, os brasileiros podem ser considerados “ladino amefricano”, tendo em vista que possuem descendência africana e o território brasileiro encontra-se na chamada “América Latina”:

Trata-se de um olhar novo e crítico no enfoque da formação histórico-cultural do Brasil que, por razões de ordem do inconsciente, não vem a ser o que geralmente se afirma: um país cujas formações do inconsciente são exclusivamente europeias, brancas. Ao contrário, ele é uma América Africana (não é por acaso que a *neurose cultural* brasileira tem no *racismo* o seu sintoma por excelência). Nesse contexto, todos os brasileiros (e não apenas os “pretos” e os pardos” do IBGE) são *ladino-amefricanos*. (GONZALEZ, 2020, p. 127).

Todas as participantes, são consideradas então, como: “ladino-amefricanas”; por seus territórios de vivência e seus respectivos coletivos, estarem localizados em territórios ladinos, e por ainda sofrerem com a violência etnocida⁸ de suas populações, principalmente a população negra e indígena, que vivencia cotidianamente o racismo.

Racismo este, que segundo Lélia, nos países ibéricos, adquire duas faces para alimentar a exploração e a opressão: o racismo aberto e o racismo disfarçado; e é o racismo disfarçado, que é mais comum nas sociedades de origem latina, como a brasileira e peruana; e é reforçado pelas teorias de miscigenação e do mito da democracia racial, sustentados pela ideologia de branqueamento.

A categoria de amefricanidade é essencial para os negros, pois incorpora como a própria Lélia Gonzalez (2020, p. 135) identifica: um caráter “territorial, linguístico e ideológico”, e ainda remete a descendência africana, sendo assim:

(...) a *América*, enquanto sistema etnográfico de referência, é uma criação nossa e de nossos antepassados no continente em que vivemos, inspirados em modelos africanos, por conseguinte, o termo *amefricanas/amefricanos* designa toda uma descendência: não só a dos africanos trazidos pelo tráfico negreiro como aqueles que chegaram à AMÉRICA muito antes de Colombo. (GONZALEZ, 2021, p. 135).

Neste contexto, ladino amefricano, as mulheres negras estão inseridas num sistema ideológico de dominação do sistema patriarcal⁹, o qual infantiliza as mulheres negras e as coloca num local de subalternidade e opressão pelos homens, devido ao gênero e a raça por sua negritude. O feminismo negro ladino amefricano tem então, local central de agente de mudança social para as mulheres negras, pois incorpora a luta contra o sexismo e racismo nos países latinos, pois possui

⁸ GONZALEZ, 2020, p. 129.

⁹ *Ibidem*, p. 141.

uma dimensão territorial que permite agrupar lutas diversas e comuns em um só movimento e traçar estratégias coletivas de resistência.

2.1 Gênero e Classe

O sexismo, é um sistema baseado em opressões e estigmas designados às mulheres, e é reforçado socialmente através do patriarcado; esses estigmas são relacionados a estereótipos de comportamento, vestimenta, profissão, sexualidade, e outras questões, que são consideradas “femininas” e “coisas de mulher”, ou seja, é esperado que as mulheres reforcem os estereótipos de gênero e os reproduzam entre si.

O gênero então, serviu de base para estabelecer limitações culturais as mulheres, justificadas no machismo da sociedade patriarcal, e atribui certas tarefas ao gênero feminino, como: os cuidados, trabalhos domésticos, atividades manuais e a sensibilidade, ou seja, as mulheres historicamente não são consideradas seres dotadas de disposição a intelectualidade e racionalidade; e foram por estes principais motivos que as mulheres brancas e de classe média começaram o movimento que futuramente viria ser designado de feminismo.

Considerando que a relação social é: uma relação que atravessa o campo social, que produz fenômenos sociais e constituem grupos de interesses opostos; estas podem ser, por exemplo, ser grupos sociais de homens e grupos sociais de mulheres. Considerando isto, as relações sociais de sexo e a divisão sexual do trabalho são duas relações sociais indissociáveis e que formam epistemologicamente um sistema¹⁰.

As relações sociais do sexo são caracterizadas pelas seguintes dimensões: a relação entre os grupos feminismo e masculinos é posta como antagônica; as diferenças constatadas entre as práticas dos homens e das mulheres são construções sociais e não provenientes de uma causalidade biológica.

Esta construção social tem uma base material e não é unicamente ideológica; sendo assim, estas relações sociais se baseiam antes de tudo em uma relação hierárquica entre os sexos; trata-se de uma relação de poder, de dominação e que influencia em que posição de classe a mulher estará, se é no privilégio ou na subalternidade e na hiper exploração, devido a divisão sexual do trabalho:

A organização da reprodução social se baseia no gênero: ela depende dos papéis de gênero e entrincheira-se na opressão de gênero. A reprodução social é, portanto, uma questão feminista. A reprodução social é, portanto, uma questão feminista. No entanto, é permeada, em todos os pontos, pelas diferenças de gênero, raça, sexualidade e nacionalidade. Um feminismo voltado para a resolução da crise atual deve compreender a reprodução social através de uma lente que também engloba, e relaciona, todos esses eixos de dominação. (ARRUZZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019, p. 40).

Estas relações desequilibradas, recaem sobre todas as mulheres, mas possui diversas outras opressões quando observamos a realidade de mulheres negras americanas. Bell Hooks pontua

¹⁰ KERGOAT, 2000.

três principais “dimensões interdependentes” que caracterizam a subjugação de classe de mulheres negras afro americanas e que se estende a realidade de mulheres negras latino americanas, que são: a exploração do trabalho de mulheres negras (guetização); a opressão política, que consiste em excluir e afastar as mulheres negras da participação política, de seus direitos; e as imagens de controle, sustentadas por ideologias racistas e sexistas que sustentam características negativas sobre as mulheres negras.

Tomada em conjunto, a rede supostamente homogênea de economia, política e ideologia funciona como um sistema altamente eficaz de controle social destinado a manter as mulheres afro-americanas em um lugar designado e subordinado. Esse sistema mais amplo de opressão suprime as ideias das intelectuais negras e protege os interesses e as visões de mundo da elite masculina branca. (COLLINS, 2019, p. 35).

Sendo assim, para as mulheres negras, a vivência apenas de gênero não as contempla, pois além do recorte de gênero, em ser mulher, há o recorte de raça, que recai sobre elas de modo mais imperativo; além do recorte de classe, tendo em vista que as mulheres negras são as que vivem em maior situação de vulnerabilidade social.

2.2 Raça e Interseccionalidade

Considerando sexo, raça e classe, uma unidade indissociável para mulheres negras, a categoria de raça, é o marcador social que diferencia as experiências e vivências das mulheres negras e feministas, e que junto com a classe e o gênero, constituem a tríade das principais opressões entre mulheres racializadas no contexto latino-americano. A categoria de raça, aqui atribuída, não se refere a questão biológica, mas sim étnico racial¹¹, posto que:

O Movimento Negro e alguns sociólogos, quando usam o termo raça, não o fazem alicerçados na ideia de raças superiores e inferiores, como originalmente era usada no século XIX. Pelo contrário, usam-no com uma nova interpretação, que se baseia na dimensão social e política do referido termo. E, ainda, usam-no porque a discriminação racial e o racismo existentes na sociedade brasileira se dão não apenas devido aos aspectos culturais dos representantes de diversos grupos étnico-raciais, mas também devido à relação que se faz na nossa sociedade entre esses e os aspectos físicos observáveis na estética corporal dos pertencentes às mesmas. (GOMES, 2017, p. 45).

A discriminação racial, ou seja, o racismo, que é sustentado no Brasil especificamente, pelo mito da democracia racial, consisti num sistema de mídia e construção de intelectualidade, que vendia e continua a vender a sociedade brasileira, através da ideia de que no país não há racismo e nem desigualdade social entre brancos e negros; entretanto, isso não corresponde a realidade, tendo em vista que a mesma sociedade que nega veementemente o racismo é a mesma que o reafirma todos os dias, levando em consideração os relatos e vivências de negros e negras brasileiros.

¹¹ (...) etnia é o outro termo ou conceito usado para se referir ao pertencimento ancestral e étnico/racial dos negros e outros grupos em nossa sociedade. (GOMES, 2017. p. 50)

Tendo exposto as três categorias estruturais de: raça, classe e gênero, é notável como estas agem de maneira a demarcar fisicamente e ideologicamente os corpos femininos negros, e devido a isto, foi que feministas negras começaram a contestar suas opressões através do Feminismo Negro e epistemologicamente pela Interseccionalidade. A interseccionalidade, é um termo teórico, mas que vai para além disso, constitui-se também numa prática feminista e negra; cunhado por Kimberlé Crenshaw, que sintetizou as reivindicações de mulheres negras ‘mundo afora’ neste conceito/ação.

A jurista afro-americana Kimberlé W. Crenshaw (1989), criou o termo Interseccionalidade, nos anos 1990 para atender a demanda de relacionar as categorias sociais de raça, sexo e classe; e teve muita aderência pelo feminismo negro, recebendo inúmeras contribuições de autoras, teóricas e ativistas afro americanas e de outros países, devido a sua importância social e de contestação do feminismo e da sociedade, acarretando em diversos ganhos sociais e teóricos em contribuição a este debate.

A interseccionalidade e sua prática efetiva nos coletivos e movimentos sociais feministas negros, é absorvido como uma encruzilhada de possibilidades de reflexão e ação para posicionar-se ativamente contra as opressões de raça, classe e gênero que afetam as mulheres negras latino americanas em suas vivências nas mais diversas áreas de suas vidas, seja pessoal, coletiva, estrutural, política, social e culturalmente.

O Brasil e os países do chamado sul global, são territórios da “América Latina¹²”, marcados pelo colonialismo e pela exploração, vistos e considerados países de pouca relevância por parte do Norte Global. A maioria da população que ocupa esses territórios sofre esta marginalização social e espacial, especialmente as mulheres negras, que são demarcadas pelos atravessamentos de classe, gênero e raça.

Considerando acerca do etnocentrismo, a explanação de Everardo P. Guimarães Rocha: “uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é existência,¹³” entende-se que as diferenças podem ser geradoras de uma atitude etnocêntrica, ou seja, egoísta, centrada no “eu” e que vê sociedades distintas como “o outro”, “o estranho”.

Sendo o colonialismo, um fato histórico de múltiplas dimensões etnocêntricas, caracteriza-se como uma violência física, moral e social, para além de simbólica, pois impacta diversos lugares e populações no mundo. Diversos setores da sociedade latino americanas, foram alguns dos países historicamente afetados pelo etnocentrismo, como é o caso do território latino.

Alvos de diversas influências culturais externas, especialmente dos modismos provenientes da Europa e dos Estados Unidos; os países do sul global, não foram incentivados a valorizar e fortalecer suas identidades a partir de referências tradicionais, e a construção de suas identidades foram e ainda são influenciadas pela globalização que supervaloriza algumas culturas e subjuga outras.

¹² GONZALEZ, 2020, p. 127.

¹³ ROCHA, 1994, p. 7

Caminhando na contramão a este sistema de opressão, o feminismo negro se constituiu num campo de resistência e de construção de alternativas para a retomada de referências históricas e culturais, de diversas mulheres, e não distinto tem um forte impacto na vida de mulheres negras latino-americanas. Ao privilegiar uma atuação, que considera as interconexões entre o gênero, a raça, a classe e o espaço geográfico: mulheres negras latino-americanas, buscam transformar relações de poder presentes no sistema patriarcal, racista, classista e xenofóbico.

Para muitos, esses posicionamentos e atuações acerca de gênero, feminismo negro, raça e interseccionalidade poderiam ser considerados como uma generalização prática e teórica, mas através da própria estrutura da sociedade pode-se observar cotidianamente como estas violências afetam mulheres negras; como está exposto adiante nas narrativas das participantes.

3. VIVÊNCIA RACIAL E FEMINISTA

Acerca das discussões raciais e dos resultados de pesquisa que compreendem a temática de raça, apresentarei quais foram as discussões levantadas em conformidade ao tema, que confirmam a opressão de raça sofrida pelas participantes, analisando também, as teorias que estão relacionadas à temática racial. Como bem pontua Lélia Gonzalez (2020, p. 76): “O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a *sintomática* que caracteriza a *neurose cultural brasileira*.”

Essa “neurose cultural” do racismo, presente na sociedade brasileira, afetas às mulheres de diversas maneiras apresentadas acima; e as que identifiquei foram: a aceitação racial tardia, mesmo sofrendo racismo cotidianamente; o processo de internalização da negritude e de encarar o racismo sofrido foi um processo tardio para todas; além disso, foi observado que antes de sofrer ou reconhecer a opressão de gênero, a de raça era identificada em primeiro lugar.

Sendo assim, o racismo estrutural foi observado e vivenciado por todas, como aquele racismo que está enraizado nas sociedades ladino-amefricanas, mas que é ironicamente considerado mascarado pela população branca, entretanto é escancarado na vivência da população negra. Ou seja, há uma contradição na realidade, pois enquanto os brancos negam o racismo cotidianamente e os negros sofrem o racismo diariamente, há uma incoerência que está pautado no pacto da branquitude.¹⁴

Pacto este que é caracterizada como a cumplicidade entre brancos, um tipo de acordo de lealdade, no qual as pessoas sabem como e com quem praticam o racismo, mas não deixam de praticar nem contrariam quem o pratica, e ainda ignoram esta situação; restando aos negros, a opressão e a reivindicação.

Assim sendo, o feminismo negro aliado as pautas do movimento negro nos países ladino-amefricanos, constroem alternativas através de reivindicações e ações sociais e coletivas, que impactam tanto subjetivamente as mulheres que se identificam e estão à frente da luta feminista negra, quanto coletivamente diante das opressões racial, de gênero e classe:

Para nós homens e mulheres negras, nossa luta pela libertação começou muito antes desse ato de formalidade legal e caminha até hoje. Nosso compromisso, portanto, é no sentido de que, ao refletir sobre a situação do segmento negro como parte constitutiva da sociedade brasileira (ocupando todos os espaços possíveis para que isso ocorra), ela possa olhar para si e reconhecer, em suas contradições internas, as profundas desigualdades raciais que as caracterizam. Nesse sentido, as outras sociedades que também compõem essa região, esse continente chamado América latina, dificilmente diferem da sociedade brasileira. (GONZALEZ, Lélia. 2021, p. 139).

O feminismo negro é um portal pelo qual a mulheres negras falam sobre e para si, sem ter de se enquadrar em um padrão pré-estabelecido, pelo contrário, é uma luta na qual elas podem criar suas referências e suas identidades multiculturais, para que não caiam na armadilha de recriar padrões que de algum as modo excluam.

¹⁴ BENTO, 2002, p. 169.

3.1 O reconhecimento racial

O racismo enfrentado pelas participantes, que são mulheres racializadas, era percebido antes das opressões patriarcais de gênero, e tem ligação com a aceitação racial tardia, tendo em vista que o racismo sofrido por elas, é um racismo mascarado sob a ilusão brasileira de democracia racial, a aceitação destas enquanto negras, estava mascarado sob o título de “mulata” e “morena”, termos usados para “minimizar” a negritude de seus corpos.

Denominações estas que já são reconhecidas enquanto expressões de cunho racista e que foram bastante utilizadas para negar a negritude as mulheres racializadas e as colocar num lugar de “outro” social: aquela que não era nem branca nem preta, a depender da tonalidade de sua pele; já para as mulheres negras retintas, os discursos estão assentados sobre a terminologia de negra e preta, mas falados em tom de ofensa e de apontamento negativo.

Assim como a questão de a raça ser mais identificada primeiro, como já foi percebido; juntos, o racismo e a opressão de gênero tornam-se uma dupla opressão, que dá mais peso à situação social das participantes negras em diáspora. Sobre as consequências desse racismo na vida das mulheres negras, a participante do Coletivo Cinema Nosso, Laiz Muniz (2020) aponta: “O racismo ele é tão letal nas nossas vidas que a gente é criado socialmente pra silenciar né, pra baixar a cabeça... isso é muito fruto do racismo estrutural nas nossas vidas né”.

Além do reconhecimento racial tardio, e o racismo como primeira opressão, foram identificadas duas outras questões importantes para o reconhecimento racial das participantes: a transição capilar, que consiste no processo de aceitação dos cabelos naturais, através da retirada de químicas que relaxem ou alisem os cabelos; relatada por três participantes e o relacionamento com alguém racializado, relatado por uma; essas questões foram expostas da seguinte maneira:

Para Tamires Gonçalo (2022); este reconhecimento deu-se através da transição, e o racismo sofrido por ela foi intensificado e demonstra como sua “vida pessoal é afetada de modo fundamental pelo racismo”:

Reconhecimento racial tardio, e que iniciou-se através da transição capilar, muito relacionado com questões de raça e classe, mas que começou a ser mais notada depois de iniciar a transição, como por exemplo, oportunidades de emprego (...) o racismo no Brasil, de “uma forma muito cristalizada”, de muita resistência e resistência contrária, tipo um movimento contrário a esse movimento político... a essas demandas que a gente trás!” (GONÇALO, Tamires. Cinema Nosso, 2022).

Assim como, para Camila Rodrigues, que mesmo tendo a pele mais clara, já sofria o racismo anteriormente, mas percebeu o aumento deste após a transição capilar:

Eu só pude nomear estes processos muito recentemente, por volta dos 23 anos (hoje tenho 30) e tem tudo a ver com processo de transição capilar. Ao deixar meu cabelo crescer naturalmente como ele é, eu, uma mulher negra de pele clara que vivenciava experiências muito confusas de preconceito e discriminação comecei a sentir e ouvir de onde elas vinham. Eu não começo a viver o racismo com o cabelo natural, mas isso foi o que possibilitou que as pessoas me

oprimissem abertamente em nome da raça - até então a rejeição, o preterimento e outras violências apareciam aparentemente "sem razão". (RODRIGUES, Camila. Ashanti Peru, 2022).

E ainda para Geovana Dara, que assim como as outras participantes, associou o seu processo de reconhecimento racial ao processo de transição capilar, que simbolizou o fortalecimento de sua negritude; mas também através de um relacionamento, ou seja, da interação e observação com um igual racializado; onde observou que o racismo foi sofrido de forma mais intensa, tanto pela transição capilar quanto por estar se relacionando com uma pessoa negra:

Eu acho que eu fui me reconhecer mesmo né, enquanto uma mulher negra quando eu estava em um relacionamento amoroso... onde meu companheiro né, na época era um homem negro também né, e nesse período eu era bem adolescente, acho que eu estava ali com uns quinze, não... dezesseis pra dezessete anos né, e até então eu não tinha pensado sobre isso, assim, não era um pensamento que vinha na minha cabeça. Eu era chamada de morena a todo momento, para as pessoas que estavam ao meu redor, as pessoas se referiam a mim como negra mas era muito em forma de apelido, dentro da família né, vamos dizer assim um apelido carinhoso, tipo assim: ah nega, oi neguinha, não sei o que... mas não era uma coisa que ficava muito clara pra mim, do sentido e do significado desta palavra (...) conforme eu fui me relacionando com esta pessoa e eu decidi (na época eu tinha cabelo alisado né) e eu decidi entrar em processo de transição, foi quando esta questão de ser negra, desses traços negros começaram a tomar um sentido diferente. (DARA, Geovana. Mulheres Negras Resistem CE, 2022).

:

Esse processo de transição capilar ser associado ao reconhecimento racial dessas mulheres negras, tem uma grande ligação com o quanto elas tinham que se adequar ao padrão feminino da branquitude, através de violências físicas e simbólicas, como o alisamento capilar; para conseguir encaixar-se no padrão da branquitude e serem aceitas socialmente: “O alisamento capilar foi uma prática de autocuidado popular que se popularizou na virada do século XIX para o XX nos Estados Unidos e na diáspora. Mais do que embranquecer, alisar o cabelo relacionava-se ao investimento na feminilidade “respeitável”, associada a uma imagem livre, urbana e moderna.” (XAVIER, 2021).

Isto não significava que elas não sofriam o racismo, já que constatamos o contrário, mas a partir do momento que estas mulheres passaram a reivindicar a naturalidade de seus corpos, passaram a ser mais associadas a negritude e esta atitude passou a ser “reprovada” socialmente; elas passaram então, a sofrer sanções sobre a decisão sobre seus próprios corpos, como a recusa para uma vaga de emprego, que talvez anteriormente com o cabelo alisado, poderia ser considerada “adequada”, como ocorreu com a participante Tamires Gonçalves.

Essa reconstrução do sentido de negritude e de aceitação dos seus corpos, contraria a hegemonia branca imposta às mulheres negras amefricanas em perseguir um padrão de beleza e de comportamento o mais próximo possível da branquitude, negando os corpos e costumes afro descendentes:

“Ao normatizar a brancura como padrão universal, referência de limpeza, urbanidade e progresso, a indústria de beleza, com sua publicidade, será um dos

principais espaços de popularização da eugenia e dos valores supremacistas brancos. Em contraposição, o mercado, através das propagandas, associa imagens de pessoas negras e indígenas a produtos do trabalho doméstico (farinhas, detergentes, óleos) e ao consumo de álcool. (XAVIER, 2021, p. 77).

Essa associação negativa a reconstrução da identidade destas mulheres pela sociedade, está enraizada no discurso da hegemonia social dos países ladino-amefricanos, assentados sobre o preconceito racial há a muitos anos e que foi sendo reforçado mesmo após o processo de colonização, impactando negativamente os povos afrodescendentes em diáspora; que tenta encontrar meios para combater o racismo e romper com a lógica social embranquecida, como explana a participante Daniella Silva (2022):

Em relação ao racismo, eu penso muito no combate né (...), mas também a identidade racial, de se reconhecer, isso na vida pessoal né; mas na vida em comunidade é... a opressão não só da raça, mas também de gênero né e também dos direitos... porque assim, todo dia mulheres morrendo... só por serem mulheres e aí assim, quando a gente vai botar a questão de raça, cor, a mulher negra é mais prejudicada ainda. (SILVA, Daniella. Ashanti Peru, 2022).

Outro aspecto apresentado, como um norteador para a reconstrução identitária da negritude de umas das participantes, mas que historicamente contempla outras mulheres negras ladino amefricanas, foi essa reconstrução através do estudo e da literatura negra, Geovana Dara (2022): “foi através da literatura e do campo científico que eu fui me tornando negra, com esta situação de racismo que vivemos no nosso país”.

Sendo assim, o acesso de mulheres negras aos espaços educacionais e a intelectuais negros, também é uma possibilidade de identificar-se e de acessar conhecimentos que facilitem seus processos de aceitação enquanto mulheres negras: “na trajetória de intelectuais que não apagam as desigualdades e percursos tumultuosos de dor, estão publicadas as produções científicas, a sabedoria e ancestralidade negras, conteúdos que possibilitam nos mantermos vivas.” (PEREIRA et al., 2021, p. 1365).

O racismo identificado nas vivências destas mulheres negras em contexto territorial de América Ladina, atesta o quanto os países do chamado cone sul global, estão inseridos em armadilhas sociais de repressão e negação de seus corpos e de suas tradições, e as estratégias acima encontradas por estas mulheres negras, representam um reencontro com suas características e origens, seguindo o caminho inverso do que normalmente são levadas a portar-se diante de suas características, que normalmente é o de negação ou de branqueamento. Frente a todas essas questões que influenciaram a aceitação racial destas mulheres, o Feminismo negro também ocupa um lugar central, pois dialoga com estas pautas e por meio delas contribui para uma maior atuação social; são estas alternativas feministas que serão agora apresentadas.

3.2 Feminismo e negritude

O processo de busca por uma identidade negra e latina ou a reafirmação desta identidade, está submetida a atos políticos, sociais e culturais que entrecruzam experiências de diversos âmbitos e regiões da América Latina, mas que culminam em partilhas comuns, como o feminismo negro latino americano, baseados nesta luta em comum; considera-se sobre as mulheres amefricanas:

O caráter duplo de sua condição biológica - racial e/ou sexual - as torna as mulheres mais oprimidas e exploradas em uma região de capitalismo patriarcal-racista dependente. Precisamente porque esse sistema transforma diferenças em desigualdades, a discriminação que sofrem assume caráter triplo, dada a sua posição de classe: as mulheres ameríndias e amefricanas são, na maioria, parte do imenso proletariado afro-latino americano. (GONZALEZ, Lélia. 2021, p. 146).

Acerca da importância do feminismo e mais especificamente do feminismo negro, entre as mulheres participantes, faço uma análise da importância do feminismo negro e de como o peso do racismo ainda se mostra muito presente, principalmente por se tratar de mulheres negras, ou seja, a opressão passava a ter como foco os dois vieses: o de raça e o de gênero, como ficou explícito na fala de Tamires Gonçalo (Cinema Nosso, 2022): “ao mesmo tempo que nesses espaços pesava muito eu ser negra, por eu ser mulher e negra pesava muito mais, isso é uma coisa que eu fico concatenando muito, que é como essas “paradas”... essas violências nos atingem, pois elas estão presentes na estrutura, ela tá presente nos indivíduos e ela constrói e moldam a realidade social”.

As participantes reconhecem então que devido às opressões sofridas cotidianamente, ao conhecer e se debruçar sobre o feminismo negro, encontram um espelho de reivindicações em comum, e em alguns relatos podemos observar como os processos são os mais diversos possíveis, mas as aproximações com as pautas e vivências causam a coesão do movimento feminista negro:

Sim, sou muito favorável e tipo “o louco” é que a galera pensa que... ah quando você se diz feminista ou luta pelos direitos das mulheres, a galera pensa que parece que a gente viu isso em algum lugar, tipo: “ah, tu aprendeste isso em algum lugar”. E tipo, depois que eu acessei, eu me reconheci, poderia ser qualquer outro movimento, se eu não me reconhecesse eu não me sentiria “pertencida” (...) eu não vou mentir, conheci o feminismo pela primeira vez através de um homem branco, que tinha acesso a essas informações mas depois comecei a procurar e conhecer “por minhas próprias pernas”, e o que primeiro chegou para mim foi o feminismo branco, com a Simone de Beauvoir, depois foi algumas feministas nacionais e entre isso o Feminismo Negro, que já foi nesse processo de reconhecimento racial (...) então eu fui lendo, buscando, assistia no YouTube, acompanhando muitas mulheres que debatiam sobre esses assuntos e me identificando com elas. (GONÇALO, Tamires. Cinema Nosso, 2022).

A participante Tamires Gonçalo (2022), apresenta um relato que nos faz refletir sobre como muitas vezes, os discursos feministas chegam às mulheres de modo eficaz, mas ainda é considerado por muitos como mais um movimento recluso, ou seja, que precisa ser “aprendido em algum lugar”, não por causa de suas ações mas sim devido a não aceitação de muitas pessoas,

acerca das suas reivindicações e críticas ao patriarcado, a classe, ao racismo e a diversas outras injustiças sobre as quais a sociedade está assentada.

Outra contradição presente na vivência da participante Tamires Gonçalo, e que serve como exemplo para a importância do fortalecimento do feminismo negro, e como foi necessário que o feminismo chegasse às mulheres em situações de vulnerabilidade, é o fato de ela ter conhecido o feminismo, através de um homem, que acessava conhecimentos considerados elitizados para aquele período de chegada dos discursos feministas no Brasil; mas como ela enfatiza, foi dar continuidade à busca de conhecimentos acerca do feminismo por ela mesma, e reivindica aquele lugar de fala para si, incorporando a luta à sua vivência.

Já Geovana Dara, teve seu primeiro contato com o feminismo negro através também da leitura, assim como foi o seu processo de aceitação racial: “foi quando em 2018 eu me debrucei sobre o feminismo negro, acho que quando eu comprei este livro: *Quem tem medo do feminismo negro?* da Djamilia e comecei a andar com ele... eu me assumi feminista sem dizer, porque na época não era um discurso muito popularizado (...)”. Isso demonstra a importância da produção acadêmica feminista negra, que aos poucos nos países latinos, foi saindo do ambiente acadêmico e começando a popularizar-se e alcançar mulheres negras de outros espaços.

Assim como na experiência de Daniella Silva, a quem, a popularização dos movimentos e coletivos feministas universitários foi essencial, para fomentar debates feministas negros e reconhecer a importância de transmitir esses conhecimentos a outras mulheres:

Me considero sim, pois sei que muitas coisas só nós mesmas vamos entender e em relação ao machismo que a gente enfrenta, até por nós mesmas. E estamos a frente do movimento por equidade, porque tem muita gente que associa as nossas lutas a “mi, mi, mi” (...) e eu vi realmente dentro da universidade, a necessidade de me colocar enquanto feminista e de estudar mesmo, de me colocar à disposição... conheço agora o movimento e eu vou adentrar nele, por uma necessidade de que é preciso, e não só de me empoderar, mas também de empoderar outras meninas, outras mulheres. (SILVA, Daniella. *Ashanti Peru*, 2022).

Tendo em vista que as críticas ao feminismo também são importantes para manter a reflexão das pautas e posicionamentos, a utilização de diferentes experiências agrega e estimula a mudança em melhoria, trago a seguinte reflexão feita pela participante Camila Rodrigues (2022), que atualmente não se considera feminista, mas entende a importância que o movimento teve em suas vivências:

Conheci o feminismo no segundo semestre da minha formação em Psicologia, mas só cheguei a me intitular feminista uns 5 anos depois, já fazendo mestrado. A reflexividade é um dos maiores aprendizados que essa aproximação me trouxe: entender as profundas e enraizadas dinâmicas de dominação heterossexista patriarcal das sociedades ocidentais, bem como as nossas reproduções inconscientes desse processo fez muita diferença pro meu crescimento pessoal e profissional. Mas foi precisamente na noção de coletivo que me senti abandonada pelo feminismo. De um lado, observando que muitas mulheres negras, lésbicas ou bissexuais, trans, não se sentiam representadas nas pautas principais levantadas pelos movimentos; de outro, me sentindo profundamente interditada

no reconhecimento desse meu lugar com marcadores específicos, nesses espaços, em questões tão cotidianas (como por exemplo a condução de certas atividades). (RODRIGUES, Camila. Ashanti Peru, 2022).

Embora não se considere mais feminista, a participante Camila Rodrigues já fez parte do movimento feminista e reconhece as reflexões que este trouxe para sua vida, mas tece críticas relevantes para o movimento, e que inclusive já são feitas por autoras feministas ladino amefricanas, como a María Lugones, acerca do sistema moderno colonial de gênero¹⁵.

Assim tomando o Feminismo Negro como tema central para as vivências das participantes, este foi identificado como fator de mudança entre aquelas que passam a conhecer o Feminismo e a incorporar suas pautas no seu cotidiano e a se identificar com lutas, que compõem o recorte racial e o de gênero:

Me auto reconheci em 2014, junto com o “big chopp” que foi muito importante pois tencionou tanto a questão de gênero como a questão de raça, não só feminista mas feminista negra, porque eu reivindico aqui o que as mulheres brancas não reivindicam, a minha realidade é outra, as violências que eu sofro são outras, e é uma bandeira que eu quero e vou carregar pro resto da vida, e se eu abandonar um dia será por um movimento que surja e seja melhor, e mais atualizado”. (GONÇALO, Tamires. Cinema Nosso, 2022).

Além de se ver na realidade escancarada pelo feminismo, as mulheres o incorporaram tão forte em suas práticas e vivências que muitas usarem o feminismo negro como aporte para a reconstrução de suas identidades, e é nesta questão que o Feminismo Negro aliado ao Movimento Negro, promovem juntos revoluções coletivas que possuem reverberações pessoais, ou seja, efeitos individuais.

Refiro-me a revoluções como mudanças sociais, sejam elas grandes ou pequenas, que impactam positivamente a vida daqueles que fazem parte ou são afetados; assim, essas relações que dão suporte a revoluções cotidianas, aparecem de diversas formas em cada coletivo e na subjetividade das vivências de mulheres negras, portanto não há como negar que elas acontecem e que assumem um caráter de repercussão coletivo, a qual denomino de efeitos coletivos.

Essas mudanças sociais causadas pelos movimentos negros e feministas, moldaram as identidades das mulheres participantes, e nota-se como elas visualizam isso nas suas vidas:

Eu sinto que me mudou muito, mudou a forma como eu me socializo, como eu lido com as pessoas, a forma que eu penso; muitas coisas sobre o mundo, sobre mim, a forma como lido e faço as coisas... acho que o feminismo negro me deu uma sensação de pertencimento que era uma coisa que eu não sentia tanto antes, uma sensação de estar ligada a algo, de fazer parte e acho que me deu sentido de vida mesmo. (DARA, Geovana. Mulheres Negras Resistem, 2022).

Neste processo, a participante Daniela Silva, também resgata a necessidade do aquilombamento, e a relevância do que Sueli Carneiro, chama de enegrecer o feminismo¹⁶:

¹⁵ LUGONES. 2008. p. 92.

¹⁶ Enegrecer o movimento feminista brasileiro tem significado, concretamente, demarcar e instituir na agenda do

Foi muito importante para a minha construção enquanto mulher e principalmente enquanto mulher negra, me colocar enquanto feminista, pois tem o viés não só do meu gênero, mas o peso também (...) porque é muito diferente sabe? Você estar ali num coletivo feminista e você está num coletivo feminista que tem a questão negra... você se sente pertencente ali... porque a gente se une pelas dores também, não só pela questão do “zelo”. Então essa construção de identidade feminista negra, se abriu bem mais depois disso, de me unir com outras mulheres negras e estar todo dia ali sabe?! De saber que eu não estava sozinha nesta construção feminista negra. (SILVA, Daniella. Ashanti Peru, 2022).

Esse aquilombamento advindo das ações internas do movimento feminista negro e suas influências, fortalece as mulheres negras e possibilita a troca de experiências e o senso de pertencimento, que abrange um sentido social e político para feministas negras, considerando, segundo Beatriz Nascimento (2006. p. 124) na coletânea de seus textos reunidos por Alex Ratts, que: “o quilombo serve de símbolo que abrange conotações de resistência étnica e política. Como instituição guarda características singulares do seu modelo africano. Como prática política apregoa ideais de emancipação de cunho liberal que a qualquer momento de crise da nacionalidade brasileira corrige distorções impostas pelos poderes dominantes”.

O pertencimento é então um ato político em si, pois está contido nele, todo um aparato de livrar-se dos resquícios coloniais e racistas que o Estado e a cultura, enquanto fator social, coloca seus indivíduos afrodescendentes, que é quase sempre o lugar de subalternidade. Assim, delimitando a interação entre o feminismo negro, o enegrecimento e o aquilombamento para as mulheres negras; como essas questões são muito pertinentes as participantes e que aparece na vivência de Tamires Gonçalves:

“Eu ainda estou estudando e pesquisando mais esse “rolê” da identidade, mas como eu estava abandonando mais essa identidade colonial, qual identidade nova eu vou assumir? Como eu vou pensar, vou agir, como eu vou me portar, como eu vou me vestir? Como eu vou falar, como eu vou me afirmar, tipo, todo esse movimento assim, foi construída tanto dialeticamente partindo do que eu vivi, do que eu vivo e muito também do que eu venho aprendendo com estas mulheres mais velhas, e como eu posso assumir uma identidade que é minha mas que também é partilhada por outras mulheres (...) como a identidade é uma construção subjetiva mas também como ela é coletiva, porque eu vou bebendo de outras fontes também, de outras mulheres, de maneira que eu possa pensar qual prática eu devo tomar, e que não seja uma imposição de fora pra dentro, mas algo que eu internalize pra minha forma de vida e que eu possa romper com estes preconceitos... entendo que esta identidade é fluida como a própria vida, então eu quero “tá” o tempo todo mudando, provocando, tencionando. (GONÇALO, Tamires. Cinema Nosso, 2022).

movimento de mulheres o peso que a questão racial tem na configuração, por exemplo, das políticas demográficas, na caracterização da questão da violência contra a mulher pela introdução do conceito de violência racial como aspecto determinante das formas de violência sofridas por metade da população feminina do país que não é branca; introduzir a discussão sobre as doenças étnicas/raciais ou as doenças com maior incidência sobre a população negra como questões fundamentais na formulação de políticas públicas na área de saúde; instituir a crítica aos mecanismos de seleção no mercado de trabalho como a “boa aparência”, que mantém as desigualdades e os privilégios entre as mulheres brancas e negras. (CARNEIRO, 2020. p.3)

Por tudo isto, o quilombo representa um instrumento vigoroso no processo de reconhecimento da identidade negra brasileira para uma maior autoafirmação étnica e nacional (NASCIMENTO. 2006, p. 125), ou seja, o Feminismo Negro compartilha com o Movimento Negro, a possibilidade de aquilombar-se em espaços e coletivos que conversam com as práticas negra e feminista, e com a retomada de uma identidade, que tem a negritude acima dos estereótipos brancos impostos para que as mulheres negras de algum modo se enquadrem ao padrão construído e reafirmado socialmente, forçando-as ao embranquecimento, ao invés de valorizar suas culturas e origens.

4. AS RECONSTRUÇÕES E AS PRÁTICAS DECOLONIAIS

A desvalorização das culturas afrodescendentes e amefricanas, estão postas para as mulheres negras como uma ideia de inferioridade de suas culturas, baseadas em preconceitos raciais e territoriais e a valorização da cultura europeia, em sua maioria branca; e esta concepção acerca da cultura e de seu reconhecimento, perpassa sentidos mais gerais e subjetivos, e é esta concepção que influencia nas culturas e seus sentidos em diversas sociedades, ou seja, a cultura tem influência sobre os modos de vida simbolicamente mas também na prática.

O modo como cada pessoa se enxerga dentro destas concepções de cultura se liga diretamente a como ela age socialmente; refletindo ainda sobre a importância da cultura, como o hábito social, ela também se relaciona com a identidade, considerando a reflexão de identidade de Nilma Lino Gomes (2017, p. 41): “A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares, referências civilizatórias que marcam a condição humana.”

Posto que a para reconstrução identitária e o fortalecimento de práticas decoloniais nos territórios, através dos coletivos e movimentos e dos impactos subjetivos que estes causam para as participantes e mulheres amefricanas no geral; e entendendo que “o termo diáspora expressa as experiências de pessoas que, em razão da escravidão, do colonialismo, do imperialismo e da imigração, foram forçados a deixar sua terra natal.¹⁷”

Saber se posicionar diante destas violências é o que leva a práticas decoloniais e afro diaspóricas, ou seja, práticas que rompem com a lógica da colonização; e o feminismo negro e decolonial, é um movimento que se propõe a romper com o racismo, o sexismo e as violações que a colonização trouxe para as mulheres negras.

4.1 A reconstrução coletiva e individual

Identidade então, é algo construído dialeticamente e no contato com o outro, não é algo inerente a qualquer ser humano, ela tem uma origem e para manter-se precisa ser alimentada socialmente. Pensando em como as sociedades da América Latina foram colonizadas e nos valores sociais, políticos e econômicos que foram passados para as culturas destas populações, é notável a perda da valorização da identidade voltada para os países e povos de origem que passaram pelo processo de colonização.

Isso recai então, sobre a população afrodescendente e dos países latinos amefricanos que foram em sua maioria colonizados e possui povos originários e afrodescendentes, predominantemente; o que ficou para estes povos após um longo processo de colonização e branqueamento, foi uma distância geográfica e cultural de suas identidades de origem, e é neste processo de afirmar sua negritude e lutar contra as opressões de gênero e territoriais, é que muitas mulheres negras reconstruem suas identidades.

¹⁷ COLLINS, 2019. p. 73.

Essas identidades pautadas na negritude, ou seja essa identidade negra¹⁸ pressupondo ideais feministas, são muitas vezes construídas ou fortalecidas através da participação em coletivos sociais, que são agentes importante para ir contra a hegemonia branca que perpassa os preconceitos sofridos por não se enquadrar nela; aliando o feminismo e a reconstrução da identidade negra, dá no que Patricia Hill Collins (2019, p. 43) determina como identidade do pensamento feminista negro, que como teoria social: “reside em seu compromisso com a justiça”.

Essa justiça e identidade negra feminista repensadas, reinterpretadas e reconstruídas, são visíveis nas narrativas das participantes e faz refletir como a participação nos coletivos fez-se presente de modo subjetivo e coletivo. Isso demonstra a importância de ter coletivos como estes, atuando nas diversas áreas e agrupando mulheres negras com objetivo de fortalecerem as suas identidades, mas também de ser um espaço de compartilhamento de suas dores, que são próximas, mesmo que de territórios diferentes:

Eu participei do Cinema Nosso né e a importância em participar é de ser esse espaço de troca né, de saberes, de afeto, de aquilombamento com outras pessoas com as quais você se identifica, te fortalece de uma maneira que contribui bastante mas mesmo de modo digital eu estava reunida com outras mulheres pretas, de outras realidades, de outros lugares mas de realidades tão parecidas com a minha (...) eu considero de extrema importância, porque é isso... uma vez que a gente está na trincheira, a gente tem que fortalecer os nossos pensamentos, os nossos ideais de certa maneira, individuais e coletivas... de uma maneira de estratégia política mesmo, então além de formação ser esse espaço de troca né... de saberes, de afeto, de aquilombamento com outras pessoas com as quais você se identifica e se fortalece, de uma maneira que contribui bastante pra conscientização da população, dos indivíduos . (GONÇALO, Tamires. Cinema Nosso, 2022).

Essa conscientização da qual a participante cita, muitas vezes demora a chegar, e só chega através de coletivos que conseguem alcançar estas mulheres negras, por diversas maneiras diferentes, como é o caso da participante Camila Rodrigues (2022): “Participar de coletivos negros, para mim, foi a primeira experiência verdadeira de reconhecimento. Isso nunca se deu sem conflitos; ainda assim, foram nesses espaços que consegui enunciar minha experiência sem ser novamente alvejada, bem como consegui me ver na experiência de outras pessoas. Participar do curso pela Ashanti Peru teve ainda um outro nível de potência que foi conectar essa experiência- de luta, reconhecimento e resistência - com pessoas de outros países da América Latina, afetadas por processos históricos tão similares e ao mesmo tempo tão singulares.”

Deste modo, além do reconhecimento, estas mulheres conseguiram enxergar nas outras, pelas experiências similares e através deste olhar para o outro, conseguiram ver-se enquanto pertencentes a uma coletividade, gerando um novo senso de referência identitária; essa "sensação" nova também apareceu como um certo alívio e uma conquista que gerou esperança nesta luta contra opressões:

¹⁸ A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. (GOMES, 2017. p. 43).

Nossa forma de vida, muitas vezes não facilita estarmos juntas pra nós mulheres no geral... e aí o que de fato eu estou participando, é o curso que eu vejo sim como esse espaço de coletivo apesar de ser uma estrutura de curso, de aula, eu sinto que a gente consegue ter aulas muito vivenciais, sobre alguns países como a Colômbia, e outros países da África que eu não tinha acesso e que muito provavelmente se não fosse pelo curso eu não teria acesso porque esses conteúdos não chegam, o nosso olhar não se volta pra isso, porque a gente tem uma estrutura que é feita pra que a gente não olhe mesmo... o coletivo Mulheres Negras Resistem me deu a sensação de... renovo...recuperou um pouco o gás pra eu continuar estudando sabe?! Porque eu estava meio cansada, meio desgostosa. (DARA, Geovana. Mulheres Negras Resistem CE, 2022).

Ter acesso então a outras realidades próximas, e a outras mulheres que vivenciam uma realidade fronteiriça ainda que diversa, desencadeia também um fortalecimento que acontece coletivamente, do qual os coletivos influenciam bastante:

Eu considero de extrema importância porque esses espaços políticos, organizados... eles ajudam bastante na nossa compreensão, sabe? De que esses fenômenos, eles são coletivos, eles são maiores do que a gente sabe? Pra mim, estar com os meus pares né, com outras mulheres pretas, com outras pessoas dissidentes pra mim, lutando por um ideal né e todos juntos, eu me sinto mais fortalecida... e é isso, olhar em volta e saber que uma outra pessoa né, também de certa maneira vive a mesma realidade que a minha e se a gente se junta né... a gente se fortalece e soma mais força pra conseguir combater o racismo e outros problemas na nossa estrutura social. (GONÇALO, Tamires. Cinema Nosso, 2022).

Essas aproximações provocam um ideal coletivo de resistência e um direcionamento de mudança social; assim como estes coletivos, as mulheres negras passam também a ser agentes de mudança e de realidades; muitas vezes, não só de suas realidades mas daquelas que estão no seu entorno e convívio, gerando uma afetação coletiva que repercute no individual de cada uma; o que permite um restabelecimento do senso de identidade, ou seja, outro olhar é construído sobre si, através do contato com o outro, que está se colocando enquanto igual e que divide realidades próximas:

O que faz a ligação entre eu e as outras participantes eu acho que é isso, essa experiência de vida e que apesar de lugares diferentes, etapas, da geração, as diversidades de experiências; mais a violência ela acaba sendo esse fato comum entre nós e o fato de ser mais potentes e estarmos nesses espaços, em busca cada vez mais dessa libertação, dessa superação né, faz com que esse sentimento de fortalecimento e sentimento de coletivo, torne a experiência tão satisfatória; pelo menos para mim e é nisso que a gente se fortalece e se cuida. (GONÇALO, Tamires. Cinema Nosso, 2022).

A solidão que estas mulheres podem enfrentar devido às violências sofridas, encontra uma outra conotação: “É um casulo de esperança... ao mesmo tempo de respiro, de provocações, de reflexões, angústias... mas a sensação de que eu não estou sentindo isso sozinha, e eu não preciso achar essas respostas sozinha, que eu tenho um coletivo ali de mulheres que está disposto a pensar junto” (Geovana Dara, 2022); que além de pertencimento a um grupo, é a sensação de “se sentir em casa¹⁹”.

¹⁹ DARA, Giovanna, Ashanti Peru, 2022.

Esse “sentir-se em casa”, foi resultado de um longo processo de articulação política de diversos movimentos negros e feministas²⁰, que foram se desenvolvendo e ganhando notoriedade e confiança entre as mulheres afro descendentes e ladinas, sendo uma maneira de combater o racismo estrutural, a qual estão submetidas: “Essencial... eu acho que, essencial no sentido de que sozinho a gente não vai conseguir mudar muita coisa, é fato que precisam existir diversos movimentos sociais negros dos mais diversos âmbitos, da vida e da organização social... porque o racismo está presente em todo canto da nossa vida, como Silvio Almeida mesmo fala, ele é estrutural” (Geovana Dara, 2022).

Silvio Almeida, como pontuou a participante Geovana Dara (2022), define racismo como:

Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”. Nesse caso, além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas. (ALMEIDA. 2019, p.33).

O racismo é então estrutural, pois ele está enraizado em todas estruturas da sociedade e se perpetua através destas estruturas de modo sistêmico, e é em combate a esse racismo que os coletivos e mulheres negras, têm como referencial, seu aquilombamento e fortalecimento através de articulações coletivas, mas também para conseguir encontrar igualdades para além do racismo e de suas dores:

Em um contexto como esse, de um ativismo que produz lideranças nos territórios, acho que o que nos conecta é fazer da nossa dor a nossa luta. Entendo, portanto, que a importância de fazermos parte de espaços como essa passa por, primeiramente, humanizar a nossa existência que vai sendo colocada como objeto, quando compartilhamos nossas experiências com outras pessoas e nos vemos nela; depois, pelo acolhimento das emoções que essas experiências causam; e por fim, pelo que fazemos com o que tentaram fazer com a gente. A resistência e principalmente, a transformação, se esse for o nosso horizonte, só pode se dar coletivamente pois volto a dizer, a solidão - e sua consequente desconexão com os outros e com algo maior que a gente - pode ser uma das mais

²⁰ A luta pela igualdade, direitos e justiça vêm de longe, desde a exploração dos povos indígenas e da escravização da população negra. Destaco algumas formas importantes de organização nacional pós-abolição até os dias atuais. No período de 1930 a 1970, a existência da Frente Negra Brasileira (FNB), nos anos de 1930/1940, e do Teatro Experimental do Negro (TEM), nos anos de 1950/1970. No período contemporâneo, do Movimento Negro Unificado Mulheres negras em movimento: criações individuais e coletivas por vidas com dignidade e direitos (MNU), criado em 1978; da Coordenação de Entidades Negras (CONEN); da Organização e Negros pela Igualdade (Unegro); da Coalizão de Negros por Direitos, das Organizações de Mulheres Negras (Articulação Nacional de Mulheres Negras – ANMN; Coordenação Nacional de Mulheres Negras – CNMN; e Fórum Nacional de Mulheres Negras – FNMN); da juventude negra (Fórum Nacional de Juventude Negra); da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN); da Federação Nacional de Trabalhadoras Domésticas (Fenatrad), entre tantas outras. (RIBEIRO, 2011).

potentes mortes simbólicas em vida. (RODRIGUES, Camila. Ashanti Peru, 2022).

As dores deste racismo, entretanto, era observada em outros contextos e em outros territórios ladino amefricanos, para além de Brasil e isso só reforça o quanto a luta destes coletivos e destas mulheres negras é algo que deve ser valorizado e subsidiado:

Então, foi muita massa, porque a gente não teve só a questão Brasil né, a gente teve diretamente com outras pessoas afro americanas, e mesmo que a gente não tenha a visão lá de perto, é muito próximo da questão do racismo, da questão da hiper sexualização da mulher negra, essa questão da política institucional e estrutural, e a gente via nas próprias falas dos outros participantes do Amapá, Costa Rica, Peru, diversos outros... o ganho foi em relação a essa troca e entender que não é só Brasil, que as dores não é só nossa, é deles também (...) A questão das dores, da vivência, que a gente não só enxergar que é só Brasil, só Amapá, só Costa Rica, só Peru ou só Argentina... não era as latino-americanas, e todas sofriam esta questão racial né e da hiper sexualização do corpo em relação às mulheres (...) o que interligava a gente, principalmente as mulheres, era a questão da vivência enquanto mulher negra né, mesmo que mude territorialmente, mas a vivência sempre era a mesma sabe... hiper sexualização, racismo estrutural, as dores, infância, adolescência, vida adulta. (SILVA, Daniella. Ashanti Peru, 2022)

4.2 As práticas decoloniais: o território

Rompendo então com a lógica colonial, estes coletivos e estas mulheres negras, passam a se autodefinir através da construção desta nova identidade afro diaspórica que busca resgatar suas culturas de modo integral e legítimo e não de modo deturpado como foram levadas a acreditar:

A importância é nós pensarmos cada vez mais numa perspectiva afro diaspórica, é no sentido de pensar nas conexões que nós temos que para uma “afro Latinoamérica” faz diferença, eu acho que o território a nível fronteiras, quais são as conexões que nos conectam... o que é que o diálogo com uma menina muçulmana na Guiné Bissau faça sentido, pra ti e pra ela? (...) ou seja, nós estamos olhando para conexões... há conexões não só pelo racismo, para que a gente não fique refém disso, mas especialmente do que a gente pensa e sente enquanto mulheres negras. (RODRIGUES, Vera. Mulheres Negras Resistem. 2022)

Estes territórios, servem como pontes para um fortalecimento no que se refere às vivências, sejam elas individuais ou coletivas, e para além do racismo:

Entendo o que aproxima diferentes experiências afro latino-americanas nesse território não é o racismo, e sim a luta e resistência que sempre estiveram presentes em nossa história (...) entendo que a experiência de ser uma mulher afro-brasileira de classe média me coloca no mundo com atravessamentos muito específicos de potência, de acessos, mas de desafios e lutas também. Me lembro que, sendo aluna da graduação em uma universidade federal, tive a oportunidade de cursar um semestre do meu curso no Chile, onde pude observar precisamente esses atravessamentos. Meu corpo era marcado por uma hiper sexualização e objetificação que tem a ver com a imagem vendida de "mulata brasileira", que por vezes se colocava antes de qualquer habilidade pessoal ou intelectual que eu pudesse ter. Sem contar os estereótipos xenófobos que pessoas de outros países - sobretudo europeus ou norte-americanos - costumavam ter sobre o Brasil. (RODRIGUES, Camila. Ashanti Peru, 2022).

Entendendo então, territórios como espaços políticos e de disputa de poder, onde as conquistas

sociais e em massa, se dão através da ocupação de espaços, onde é possível modificar e beneficiar diretamente as questões que afetam um grupo de pessoas; como nem sempre, os coletivos estão ocupando diretamente os cargos políticos para representar mais amplamente estas mulheres negras, a prática política faz-se no dia a dia dentro dos territórios e através das participantes.

De modo mais direto através de repercussões subjetivas, ou seja, individuais de cada mulher, mas que ganha uma amplitude e atinge outras mulheres negras, a nível coletivo:

Por fim, entendo que os coletivos possibilitam o fortalecimento das identidades e existências negras/afrodescendentes para as demandas que continuamos apresentando nos territórios. Pra pensar o Brasil, seguimos tendo as pessoas negras (pretas e pardas) liderando os dados de pobreza, de mortalidade, de empregos em condições precárias, entre outros tantos. Isso sem falar nas frequentes situações de racismo, interpessoal, estrutural, que produz mortes simbólicas e reais todos os dias - basta ver os dados e pesquisas sobre o genocídio da juventude negra. Tenho estado em espaços que pensam por exemplo a presença negra no ensino superior e a forma com que olhamos para a saúde mental de pessoas negras. Para enfrentar e transformar tais condições, precisamos nos organizar coletivamente, pressionando internamente os territórios e internacionalmente para que tais movimentos ganhem ainda mais força, e nesse sentido, a participação do curso na Ashanti Peru foi revigorante e fortalecedora. (RODRIGUES, Camila. Ashanti Peru, 2022).

Este nível coletivo se estende a diversos territórios devido a suas aproximações que já foram postas nesta pesquisa, e pensando acerca da territorialidade, estas interrelações constroem uma ampla diversificação de possibilidades de construir o movimento feminista negro, dentro de cada região, cidade e estado latino americano, dando possibilidades multifacetadas de reconstrução as mulheres negras.

Pensar essas reconstruções, é pensar seus territórios e como estes estão inseridos globalmente, e quais são as influências diretas e indiretas que são absorvidas e que negam esse senso de negritude e feminismo que está a se construir. Pensar o local minimamente, faz parte de uma reflexão bem estabelecida de um coletivo e de uma luta; como é o caso do movimento feminista afro diaspórico:

O que me aproxima é justamente o fato de perceber que nesses territórios, a experiência colonial inicialmente ela parte do mesmo princípio, embora se apresente de maneiras diferentes em cada território, a depender de outros fatores culturais, geográficos enfim... mas assim há uma experiência em comum, não só para as mulheres negras, não só do Brasil... a América Latina ela também passou assim como outros continentes, por processos de imperialismo, colonialismo, então temos uma experiência em comum e pensar que além de todos esses lugares (...) mas como tantas pessoas nesses lugares estão buscando compreensão de si e de seus lugares... então é isso, entender esse todo, a partir de todas essas partes. (GONÇALO, Tamires. Cinema Nosso, 2020).

As repercussões na vida destas mulheres negras e nos seus ocais de incidência se fazem de vários âmbitos, mas a surpresa, muitas das vezes, em participar de um coletivo no qual as pautas essenciais são o feminismo e a negritude, possuem uma importância grande e isso revela o quanto, apesar das mulheres negras serem maioria populacional, nos países ladinos, há um deslumbramento ao adentrar um local afro centrado, como aconteceu com algumas participantes, em alguns relatos, do qual destaco o de Laiz Muniz (2022), para ilustrar:

A primeira vez...que eu estive numa sala com mais de 60 mulheres pretas juntas, foi no Cinema Nosso... a gente como mulher preta, é... a gente (infelizmente) fica acostumada a estar nos espaços, principalmente acadêmicos de solitude! A ser a única negra na sala, (...) aí a primeira vez que eu vi uma sala só de mulheres

pretas como eu, foi surreal, foi mágico, sabe? (MUNIZ, Laiz. Cinema Nosso, 2020).

Essa surpresa advém muito da opressão sofrida por estas mulheres socialmente, mas também pela falta de referência identitária, tendo em vista que em sua maioria, mulheres negras, apesar de sofrerem o racismo estrutural cotidianamente, não conseguem relacionar sua identidade com sua negritude e não acessam ou passam a acessar tardiamente, locais de aquilombamento e de referências identitárias parecidas afro centradas e ladinas.

Devido a estas questões, muitos movimentos são taxados como repetitivos ou prolixos, devido à ênfase que dão a temas como o feminismo e as questões raciais, como bem pontua Daniella Silva (2022): “Acho que os movimentos e coletivos tem que tá batendo na mesma tecla (...) tem uma necessidade de bater na mesma tecla porque outras pessoas não querem entender, aí eu acho super importante por causa disso sabe, a importância de uma necessidade que não é nossa, que é de outras pessoas mas que não é nossa”.

Neste tocante, isso acontece devido a não importância de querer livrar-se das amarras racistas e de reconstruir uma concepção identitária baseada na igualdade e na justiça, ou seja, a não vontade de sair dos privilégios sociais a qual está assentada a branquitude, historicamente com todos aparatos sociais e jurídicos a seu favor. Assim, conseguir adentrar espaços territoriais, através de pautas como feminismo afro centrado ladino amefricano, é desconstruir um projeto de estado baseado no preconceito e na injustiça social, cultural, política e consequentemente identitária.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia consiste no esforço de destacar as narrativas e vivências de mulheres negras no contexto latino americano, sendo elas mulheres negras, e de considerar suas experiências em coletivos que têm como norteador, as categorias de raça, classe e territorialidade; que são as três categorias bases, sobre as quais a pesquisa foi desenvolvida. Acerca do problema de pesquisa, que consiste no seguinte questionamento: Quais os efeitos e contribuições coletivas e individuais do feminismo negro, na reconstrução identitária das mulheres negras americanas?

Considero que este tenha sido respondido através dos relatos de vivências das mulheres ao longo dos resultados e das reflexões trazidas por suas experiências, que possibilitou a amplitude de temáticas apresentadas e discutidas.

Através da análise das experiências e discursos das participantes, foi observado que o racismo presente na sociedade brasileira e na América Latina no geral, que se intersecciona com a opressão de classe e gênero, impactam negativamente a vida destas mulheres negras, principalmente pela opressão racial, pois como foi relatado, a primeira discriminação sofridas por estas, foi o racismo e só depois a violência de gênero e classe foram percebidas; o que as levou para uma negação de sua cor e sua identidade, então o processo aceitação racial destas mulheres foi tardio, assim como a construção identitária voltada pra negritude.

As principais formas identificadas, que facilitaram a aceitação racial destas mulheres foram: a transição capilar, que consiste no processo de retirar químicas do cabelo, e assumir seu cabelo natural; relacionamento com uma pessoa também negra, ou seja, um relacionamento afro centrado e o contato com a literatura negra.

Considerando as análises, voltadas para a questão de gênero; o feminismo negro adotou um papel importante neste reconhecimento racial e identitário, tendo em vista que este é um aparato social, construído por e para mulheres negras, e que possui relevância nos discursos das participantes, tanto dentro dos coletivos quanto em suas vivências particulares.

Esse lugar central ocupado pelo feminismo negro, na experiência destas mulheres, também é suporte para o fortalecimento identitário destas; assim para as participantes o contato com o feminismo negro deu-se principalmente através: do contato com a literatura negra e feminista, de teorias feministas e através da participação de movimentos e coletivos sociais feministas negros. O feminismo negro, proporciona então, tanto coletivamente quanto individualmente, um acolhimento que proporciona o reconhecimento mulheres negras.

Sobre a importância dos coletivos e do feminismo negro como norteador de ações e reflexões dentro desses coletivos; como espaços de trocas, as pautas feminista e negra agem como um meio de elucidação e fortalecimento para as participantes e também agem no processo de reconstrução identitária. Para elas, esses processos coletivos, foram relatados como: espaços em que pela primeira vez, puderam vivenciar estar num local só com mulheres negras ou em sua maioria, debatendo sobre questões comuns, assim, os coletivos revelam-se como lugar de pertencimento através de articulações coletivas afro centradas e decoloniais, na medida em que agrega mulheres de diversos locais da América Latina.

No que se refere ao território latino americano, e suas incidências geográficas e culturais, o qual as mulheres e os coletivos estão inseridos; sendo esses territórios: Ceará, Rio de Janeiro,

Pernambuco e Peru, os coletivos fazem a ligação entre as opressões mas também entre as reivindicações, as quais estas mulheres identificam vivências em comum através de experiências e conhecimentos partilhados; que servem como guia de como estes coletivos feministas negros, estão incidindo para uma reorganização social de mulheres negras latino americanas, centradas no feminismo com objetivo de reconstruir suas identidades através de seu local geográfico e racial.

Como isso, a hipótese levantada, foi confirmada e considero que sim, o feminismo contribuiu de diversas maneiras na reconstrução identitárias das mulheres negras participantes dos coletivos de maneira decolonial, tendo em vista, que os coletivos, os quais elas estavam inseridas, possuíam uma diversificação de temáticas e práticas afro centradas e feministas, os quais foram citados ao longo da análise realizada acima.

Considerando o objetivo geral²¹, a pesquisa desenvolvida resgatou essas contribuições, a qual foi proposta e acerca dos objetivos específicos²², foram alcançados e estão presentes ao longo dos resultados já apresentados, como: o aquilombamento, o combate ao racismo estrutural, a prática da escuta, o sentimento de pertença, o senso coletivo e subjetivo de identidade.

Acerca da metodologia, as entrevistas representaram um papel central para o bom delineamento do arcabouço prático e teórico da pesquisa, considerando que foi através das narrativas destas mulheres que a reflexão foi embasada e as teorias delineadas; todas elas, foram feitas de modo remoto, através de entrevista semi guiada, dando abertura para a livre exposição das participantes acerca do que elas quisessem contribuir com a pesquisa, entretanto, seguindo um roteiro de perguntas.

Os principais temas, os quais surgiram ao longo da pesquisa e das entrevistas, e que serviram de aporte teórico e metodológico, foram: o feminismo negro; a interseccionalidade; categoria de raça, classe e gênero; negritude; identidade; aquilombamento; território; América Latina; coletivos e vivências; que foram desenvolvidos e relacionados ao contexto geral da pesquisa e as subjetividades levantadas pelas participantes e suas experiências e narrativas em âmbito coletivo e pessoal.

Acerca das reflexões, no andamento desta pesquisa, algumas questões podem futuramente ser desenvolvidas, como a história e atuação dos coletivos, os quais as mulheres pertencem e como eles atuam mais amplamente a nível territorial específico de cada um; a investigação de como estes coletivos se articulam numa amplitude territorial de América Latina, e como estas atuações dos coletivos repercutem politicamente para o movimento feminista e negro, num perspectiva política e social, para além da questão identitária.

²¹ Resgatar as contribuições do feminismo negro, na reconstrução identitária de mulheres negras latino-americanas, através do mapeamento das formas de resistência acionados e novas percepções das suas vivências individuais e através dos seguintes coletivos feministas negros: Ashanti Peru; Mulheres Negras Resistem CE e Coletivo Nosso.

²² Mapear as contribuições coletivas e individuais do Feminismo Negro, na reconstrução identitária das mulheres negras latino americanas; identificar as contribuições de práticas decoloniais presentes no Feminismo Negro, no processo de reconstrução identitária das mulheres negras latino americanas e demonstrar a importância social e o impacto de lutas coletivas através do feminismo negro.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FERREIRA, N. S. de. As pesquisas denominadas “estados da arte”. **Educação & Sociedade**, São Paulo, vol. 23, n. 79, p. 257-272, agosto. 2002.
- ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019. 162 p.
- ARRUZZA, C., BHATTACHARYA, T., FRASER, N. **Feminismo para os 99%**. Tradução Heci Regina Candiani. 1 ed. Boitempo, 2019. 96 p.
- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. 5 ed. São Paulo: Sueli Carneiro, Jandaíra, 2021. 151 p.
- BENTO. M. A. S. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. 2022. 176 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2022.
- BRANDÃO, C. R. Reflexões sobre como fazer um trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 11-27, jan./jun. 2007.
- CARVALHO. J. C. de. Etnocentrismo: inconsciente, imaginário e preconceito no universo das organizações educativas. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.** São Paulo, p. 181-185, ago. 1997.
- CARNEIRO, S. Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *In*: NEABI. **Artigos - NEABI**. Campinas, 14 ago. 2020. Disponível em: http://www.unicap.br/neabi/?page_id=137. Acesso em: 06 ago.
- COLLINS, P. H. **Pensamento Feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Tradução Jamille Pinheiro Dias, 1 ed., São Paulo: Boitempo, 2019. 493 p.
- DANIEL. C. “MORENA”: A EPISTEMOLOGIA FEMINISTA NEGRA CONTRA O RACISMO NO TRABALHO DE CAMPO. **Revista Humanidades e Inovação**. Tocantins, v. 6, n. 16, p. 24-34, 2019.
- DANIEL MILLER. **Como conduzir uma etnografia durante o isolamento social**. 1 vídeo (20 min 13 seg). Disponível em: [How to conduct an ethnography during social isolation](#). Acesso em: 10 ago. 2022.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed., São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.
- GOMES, N. L. ALGUNS TERMOS E CONCEITOS PRESENTES NO DEBATE SOBRE RELAÇÕES RACIAIS NO BRASIL: UMA BREVE DISCUSSÃO. *In*: Geledés Instituto de Mulher Negra. **Portal Geledés**. São Paulo. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre->

[Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf](#). Acesso em: 01 agos. 2022.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Organização Flávia Rios, Márcia Lima. 1º ed., Rio de Janeiro: Zarzar, 2020. 375 p.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8º ed., Rio de Janeiro: Record, 2004. 107 p.

HIRATA, H. Gênero, classe e raça. Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social [online]**, São Paulo, v. 26, n. 1, pp. 61-73, jun. 2014.

HOOKS, B. **Mujeres negras. Dar forma a la teoría feminista**. 1 ed. Otras inapropiables. Editorial Traficantes de Sueños, 2004. 183 p.

KERGOAT, D. **Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo**. Tradução: Miriam Nobre. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora UNESP, 2009. 341 p.

LEITÃO, D. K., GOMES, L. G. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Revista Antropológica**, Niterói, v. 1, n. 42, p. 41-65, 1.sem. 2017.

LUGONES, M. Colonialidad y género. **Tabula Rasa**, Colômbia. n. 9, p. 73-101 jul/dic. 2008.

MILLER, D., SLATER, D. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 41-65, jan./jun. 2004.

O'TOOLER, S. R. Ser libre y lucumí. Ana de la Calle y la formación de identidades de la diáspora africana en el Perú colonial. **Revista Del Archivo General De La Nación**, Argentina, v. 32, n. 1, p. 145-164, mai. 2017.

PEREIRA, C.S.; PEREIRA; A. L.; POCAHY, F. Mulheres Negras no ensino superior: ressonâncias e(m) escrevivência. **Inter-Ação**, Goiânia, v.46, n.3, p. 1360-1377, set./dez. 2021.

RIBEIRO, M. Mulheres negras em movimento: criações individuais e coletivas por vidas com dignidade e direitos. **Práxis Educativa**. Ponta Grossa, v. 17, p. 1-18. nov. 2021.

ROCHA, E. P. G. **O que é etnocentrismo**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. 40 p.

RATTS, A. **Eu sou Atlântica. Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. Instituto Kuanza. 1 ed., São Paulo: Imprensa Oficial, 2006. 138 p.

RODRIGUES, V., et al. **Mulheres Negras Resistem: território, raça/cor e gênero**. 1 ed., São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 77 p. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/site/mulheres-negras-resistem-territorio-raca-cor-e-genero/>. Acesso em: 03 de set. de 2022.

TAFARELO, C. S. C. TAFARELO, Cláudia Siqueira César. Análise crítica entre etnografia e netnografia: métodos de pesquisa empírica. **Artigo apresentado no evento 9º Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero**, 2013.

XAVIER, G. **História social da beleza negra**. 1 ed., Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021. 181 p.

ANEXOS

Roteiro de entrevista das participantes Vera Rodrigues e Laiz Muniz, umas das líderes respectivamente dos coletivos Mulheres Negras Resistem CE e Cinema Nosso.

Racial:

Como você identifica a contribuição do coletivo no reconhecimento racial dos participantes?
Quais são as ações diretas e indiretas, em que o coletivo atua no combate ao racismo?

Feminismo:

Como representante do coletivo, você considera que este é feminista ou adere/defende as ideias feministas?
Como você observa que o coletivo contribui na reconstrução da identidade das participantes?

Movimentos sociais:

Qual a importância do coletivo para a construção de uma identidade coletiva, voltada pro feminismo e pra negritude?
Qual a importância de as mulheres negras participarem do coletivo?
O que faz a ligação entre o coletivo e as participantes?
Como você definiria o impacto do coletivo?

Território:

Qual a importância do coletivo em âmbito brasileiro e para a América Latina?
Como você vê as questões de classe, raça e território impactam o coletivo e seus participantes?

Roteiro de entrevista das demais participantes da pesquisa: Camila Rodrigues (Ashanti Peru), Daniella Silva (Ashanti Peru), Geovana Dara (Mulheres Negras Resistem CE) e Tamires Gonçalo (Cinema Nosso).

Raça:

Como foi seu processo de reconhecimento racial?
Como você vê/vivencia o racismo no Brasil?
Como o racismo influencia sua vida pessoal e em comunidade?

Feminismo:

Você se considera feminista?
Como você conheceu o feminismo e a partir de que momento você se auto definiu enquanto feminista?
Como o feminismo contribuiu na construção da sua identidade?
E como o feminismo contribuiu na sua identificação coletiva enquanto mulher negra?

Movimentos sociais:

Como foi para você começar a participar de movimentos e coletivos sociais?
Qual a importância para você, em participar do (Mulheres negras resistem ou Ashanti Peru ou Coletivo Nosso)?
O que faz a ligação entre você e as outras participantes?
Para você, a nível pessoal e social, qual a importância de movimentos e coletivos sociais

étnicos/ negros?

Território:

O que aproxima você, enquanto brasileira, mulher e negra, de outras mulheres negras da América Latina?

Como você acha que as categorias de classe, raça e território impactam na sua vida?

Quais intervenções/contribuições você acha que os coletivos da América Latina fazem?